



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA FLÁVIA DA SILVA

**“Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de 1930 à
atualidade teórica do pensamento social brasileiro**

PICOS, PI
2021

ANA FLÁVIA DA SILVA

**“Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de 1930 à
atualidade teórica do pensamento social brasileiro**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S586r Silva, Ana Flávia da
“Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de 1930 à atualidade teórica do pensamento social brasileiro / Ana Flávia da Silva
– 2021.
Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Rafael Ricarte da Silva.”

1. Sérgio Buarque de Holanda. 2. *Raízes do Brasil*. 3. Identidade nacional. 4. Pensamento social-Década de 1930. I. Silva, Rafael Ricarte da. II. Título

CDD 981.06



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos seis (06) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de Ana Flávia da Silva sob o título: “Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de 1930 à atualidade teórica do pensamento social brasileiro.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva
Examinador 1: Prof. Dr. Alexandre Rodrigues de Souza
Examinadora 2: Profa. Dra. Érica Lôpo de Araújo

Deliberou pela APROVAÇÃO da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 12 de julho de 2021.

Orientador: Rafael Ricarte da Silva
Examinador (a) 1: Alexandre Rodrigues de Souza
Examinador (a) 2: Érica Lôpo de Araújo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por si fazer presente em todos os momentos tempestuosos e tranquilos que a vida exige de nossa existência. Agradeço a minha mãe, Ana Cristina da Silva e a minha avó, Ana Pereira da Silva por todo o esforço, apoio e ensinamento que dedicaram a mim, para que essa jornada fosse possível. Agradeço ao meu noivo Samuel Sales por me acompanhar e apoiar todos os dias nessa trajetória acadêmica. Ao meu orientar, o Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva os agradecimentos são infinitos, por todas as orientações, paciência e dedicação que foram disponibilizadas para o auxílio dessa monografia. Agradeço aos professores Alexandre Rodrigues de Souza e a Érica Lôpo de Araújo por suas contribuições, que foram muito importantes para o desenvolvimento do trabalho. Agradeço imensamente as minhas colegas e amigas de curso, Aline Alves, Ana Ester, Jessilane de Sousa e a Luana Otonio, que tornaram o percurso universitário mais agradável, com amparo, diversão e motivação em dias difíceis.

RESUMO

Resumo: A pesquisa tem por objetivo analisar as originalidades que Sérgio Buarque de Holanda apresentou para o pensamento social e identidade nacional brasileira na década de 1930, particularmente na sua obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1936. Essa monografia é fundamentada em teses, dissertações, artigos científicos e textos avulsos. As reflexões teóricas são baseadas nos estudos de João Kennedy Eugênio (2011), André Furtado (2018), Eduardo Henrique de Lima Guimarães (2012), Pedro Meira Monteiro (2017), Lilia Moritz Schwarcz (2019), Laura Mello e Souza (2006), Hebe Mattos (2015), Rafael Pereira da Silva (2015), Antonio Candido (2008), Maria Odila L. da S. Dias (2008) e, Ronaldo Vainfas (1999). A partir disso, procuramos abordar a atualidade das suas análises publicadas no contexto republicano, apontando a originalidade, os estilos, os conceitos e a ressonância dos ensaios que representam Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*.

Palavras-chaves: Sérgio Buarque de Holanda; *Raízes do Brasil*; identidade nacional; pensamento social; década de 1930.

ABSTRACT

Abstract: The research aims to analyze the originalities that Sérgio Buarque de Holanda presented to Brazilian social thought and national identity in the 1930s, particularly in his work *Raízes do Brasil*, published in 1936. This monograph is based on theses, dissertations, scientific articles and separate texts. The theoretical reflections are based on the studies of João Kennedy Eugênio (2011), André Furtado (2018), Eduardo Henrique de Lima Guimarães (2012), Pedro Meira Monteiro (2017), Lilia Moritz Schwarcz (2019), Laura Mello e Souza (2006), Hebe Mattos (2015), Rafael Pereira da Silva (2015), Antonio Candido (2008), Maria Odila L. da S. Dias (2008) e, Ronaldo Vainfas (1999). From this, we seek to approach the relevance of their analyzes published in the republican context, pointing out the originality, styles, concepts and resonance of the essays that represent Sérgio Buarque de Holanda and *Raízes do Brasil*.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda; *Raízes do Brasil*; national identity; social thinking; 1930s.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	16
Fazendo História antes da década de 30	16
Fazendo História na década de 30	21
CAPÍTULO II	29
Raízes do Brasil: a obra	29
Sérgio Buarque de Holanda e o seu tempo	32
Originalidades em Raízes do Brasil: História e escrita	35
CAPÍTULO III	43
O “homem cordial” incompreendido	43
Raízes do Brasil e o pensamento social brasileiro	52
A memória de um intelectual	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Sérgio Buarque de Holanda e a sua obra *Raízes do Brasil* (1936) sempre despertaram interesse de pesquisadores e historiadores. Os trabalhos sobre o texto do autor paulista surgiram por abordagens diferentes, mostrando como uma única obra pode ser vista por diversas definições e perspectivas. Particularmente o livro *Raízes do Brasil* inspira notas, textos, resenhas, críticas, dissertações e teses incalculáveis.¹

A partir dessa afirmativa, busco conhecer Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*, com a temática: “Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de 1930 à atualidade teórica do pensamento social brasileiro. O objetivo deste trabalho é analisar quais os aspectos originais que Sérgio Buarque de Holanda, particularmente *Raízes do Brasil*, trouxe para a compreensão do pensamento social e a identidade nacional brasileira na década de 1930. Argumento que a obra apresentou no contexto republicano reflexões importantes para compreensão do Brasil, que podem ser usadas como base para entendermos as perpetuações históricas que permeiam em nossa sociedade atual.

O contexto da década de 1930 no Brasil é marcado por um quadro político instável, já que fatores econômicos da crise de 1929 permitiram o colapso do regime político da Primeira República. De 1930 a 1934 Getúlio Vargas foi o líder do “Governo Provisório” e até 1937 do “Governo Constitucional”. Em 1937, com o golpe, deu início ao “Estado Novo”, fase ditatorial de seu governo que se estendeu até 1945. Nesse

¹ Trabalhos foram publicados, em programas de pós-graduação e textos introspectivos sobre Sérgio Buarque de Holanda: EUGÊNIO, Joao Kennedy. **Ritmo Espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sergio Buarque de Holanda**. Terezina: EDUFPI, 2011; MEIRA, Pedro MONTEIRO. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Hucitec e galáxia, 2016; SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)**. Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015; GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012; CARVALHO, Raphael Guilherme de. **Tentativas de Mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, nº 62, setembro-dezembro 2017; FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado** / André Furtado. – Niterói, 2018; DECCA, Edgar Salvadori de. **Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Locus: **revista de história**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006; NICODEMO, Thiago Lima. **Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. **Ouro Preto**. n.14, abr., 2014; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Introdução”. In: **Holanda, Sérgio B. de. Raízes do Brasil**. Santiago, Silveiro (org.). 2ª ed. Coleção Intérpretes do Brasil, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

período o Estado trabalhou arduamente na construção do nacionalismo, com auxílio de intelectuais brasileiros que passaram a identificar no Estado o cerne da nacionalidade. Os autores da época tiveram participação ativa na organização política-ideológica no regime, projetando a visão do Estado como a representação superior da ideia de representação nacional, afirma a historiadora Monica Pimenta Velloso.²

Neste trabalho analiso os fatores que a obra apresentou de inovador em relação à escrita da historiografia antes de 1930, apresento os aspectos que tornaram sua escrita original para se pensar a identidade nacional. Para aprofundar este argumento, analiso o conceito da cordialidade, referente ao quinto capítulo da obra *Raízes do Brasil*, e faço um paralelo entre os anos 30 e o contexto atual. Descrevo ainda como sua rede de sociabilidade e os locais institucionais foram essenciais para o seu desenvolvimento como escritor e historiador. *Raízes do Brasil* apresentou as contradições e interpretações essenciais para nossa história enquanto nação. Assim, destaco o seu legado para o estudo da historiografia brasileira.

A escolha desse tema foi pelo conhecimento e leitura da obra *Raízes do Brasil* e seu impacto no pensamento social brasileiro. A forma como Holanda analisou, comparou e criticou a sua sociedade, na década de 1930, foi de modo impactante, para uma sociedade ainda centrada em modelos tradicionais e patriarcais. Destaco ainda, forma de desenvolvimento do conceito de cordialidade que encaixa tanto no contexto de 30 como na contemporaneidade.

Neste trabalho busco entender quem foi Sérgio Buarque de Holanda. Qual a importância do autor para compreensão das conjunturas políticas, sociais e culturais do país? Qual o legado do autor? Procuro analisar a contribuição das suas ideias e conceitos na escrita da história do Brasil.

Holanda nasceu em 11 de julho de 1902, em São Paulo, faleceu em 24 de abril 1982. cursou Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Como jornalista trabalhou na “*Folha de S. Paulo*”, “*Jornal do Brasil*” e na *Revista Duco*, na Alemanha, no qual teve influências do Historicismo alemão, que consistia na “concepção que valoriza o particular e o singular em cada situação do tempo histórico, negando a existência de um

² VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: **Brasil Republicano 2**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2013. p. 58.

plano racional e advogando o relativismo cultural para a análise dos fenômenos sociais”.³ Intelectuais como Max Weber, Burckhardt e Hegel influenciaram sua obra. Logo, suas interpretações sobre os problemas do Brasil têm inspirações nesses autores. “De Marx a Nietzsche, de Proust a Dostoiévski, percorrerá as inúmeras frentes europeias de crítica à cultura burguesa, aos dogmatismos, tanto os de origem religiosa como os cientificistas ou deterministas”, conforme destaca Maria Odila Leite da Silva.⁴

Apesar da formação em Direito, é conhecido por trabalhos na área de sociologia, história e jornalismo. Sérgio Buarque de Holanda ensinou História Moderna e Contemporânea na então Universidade do Distrito Federal, ingressando em 1936. Foi influenciado em sua formação intelectual pelo movimento modernista, que criticava os modelos artísticos e literários tradicionais da Europa, e procurava dar mais ênfase a produções que abrangem a nação brasileira, tinha um maior apego ao Surrealismo, representado no Brasil por Tarsila do Amaral e ainda foi um dos membros fundador do Partido dos Trabalhadores (PT).

Raízes do Brasil (1936), *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *Visão do Paraíso* (1958), *Do Império à República* (1972) e *Tentativas de Mitologia* (1979), compõem os livros do autor paulista. Suas obras são importantes para compreender formações consolidadas dentro da sociedade brasileira no meio de conjunturas políticas, sociais e culturais.

No desenvolvimento da narrativa trabalhei com variados conceitos, sendo os mais recorrentes a ideia de “pensamento social” e “identidade nacional”. Por isso, apresento o sentido desses termos empregados ao longo do texto. O pensamento social brasileiro nos últimos trinta anos passou a ser identificado com uma dinâmica muito ampla sobre os estudos das tradições intelectual, cultural, social e política brasileira. É importante destacar que o pensamento social apresenta aproximação entre questões do passado e da contemporaneidade, assim, esse processo pode ser consolidado por temas como a: modernização, modernidade, mudança social, construção e transformação do Estado-nação, cultura política e cidadania; quanto para as diferentes modalidades de

³ SILVA, Eduardo Augusto Santos. **A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira a partir do livro Raízes Do Brasil**. Boletim Historiar, n. 12, nov. /dez. 2015. p. 67.

⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 318.

produtores e de produção intelectual, artística e cultural, como demonstra Lilia Moritz Schwarcz. A partir da dinâmica do pensamento social apresentado pela historiadora Lilia M. Schwarcz entendo que a produção intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, em específico, *Raízes do Brasil* seja um mecanismo para se pensar a ideia de pensamento social brasileiro, pois, sua obra dialoga entre o passado e contemporaneidade para se pensar aspectos importantes da sociedade brasileira, com questões sociais, política e culturais.⁵

Quanto ao conceito de “identidade nacional” exposto ao longo do texto, faz parte de uma visão subjetiva em relação às tradições culturais, políticas, religiosas e étnicas que refletem uma sociedade. Nesse sentido, como poderemos observar ao longo da monografia, a análise de *Raízes do Brasil*, compreende uma abertura para se pensar esse posicionamento sobre a identidade nacional, pois a obra permite se pensar uma sociedade formada por uma mescla cultural e conseqüentemente se associa a uma identidade nacional formada de maneira subjetiva. De acordo com as ideias da historiadora Maria Stella Martins Bresciani, a identidade nacional seria os lugares comuns, que compartilham ideias, noções, teorias, crenças e preconceitos onde permitem trocas de argumentações e opiniões sobre uma comunidade política efetiva.⁶ Assim, essa ideia subjetiva da identidade nacional permite entender a nação a partir de uma multiplicidade cultural formada de uma população diversificada, onde a identidade nacional nasce de aspectos espontâneos e não de uma identidade simbolicamente planejada. Para a compreensão dessa identidade nacional é importante que o povo tenha conhecimento sobre essa realidade, para que se seja capaz de realizações grandiosas, como argumenta José Carlos Reis.⁷

Como metodologia utilizei como base à rica historiografia existente que contempla Sérgio Buarque de H. e suas obras, notadamente de autores como João Kennedy Eugênio (2011), André Furtado (2018), Eduardo Henrique de Lima Guimarães (2012), Pedro Meira Monteiro (2017), Lilia Moritz Schwarcz (2019), Laura Mello e Souza (2006), Hebe Mattos (2015), Rafael Pereira da Silva (2015), Antonio Candido (2008), Maria Odila L. da S. Dias (2008) e Ronaldo Vainfas (1999). Apresento alguns

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, São Paulo, nº82. 2011.

⁶ BRESCIANE, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil . 2ª ed. São Paulo: Unesp. 2007. p. 31.

⁷ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2**: de Calon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda. Rio de Janeiro: UGV, 2006. p. 10.

dos nomes significativos que contribuíram com estudos sobre Sérgio Buarque de Holanda.

João Kennedy Eugênio, em *Um ritmo espontâneo: O organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e Fronteiras, de Sérgio Buarque de Holanda* (2010), apresenta um modo peculiar em analisar a obra do autor, possibilitando interpretar os estudos do autor por matrizes diferentes. O especialista em história intelectual propõe três formas de interpretação: *Sociológica, Identitária e Integração*. A partir desse aspecto é possível entender que surgem estilos dos mais variados sobre Holanda e seu livro.⁸

Enquanto Eduardo Henrique de Lima Guimarães, assim como André Furtado conduzem um estudo sobre Sérgio Buarque de Holanda e suas obras, enaltecendo sua trajetória como historiador. Entretanto, enquanto André Furtado que buscou uma linha de estudos quantitativos sobre as obras de Sérgio Buarque, em sua tese de 2018, *Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*, Eduardo Henrique de Lima faz uma abordagem historiográfica levando em conta os lugares sociais e institucionais de seu autor. A partir da passagem de Sérgio Buarque por esses lugares compõe o seu trabalho *O Atual e o Inatual em Sérgio Buarque de Holanda*, (2012) onde considera um trabalho de história da história, no qual cumpre identificar, pelo menos, os referenciais teóricos – metodológicos gerais adotados.⁹

Em outra exposição sobre Buarque de Holanda destaca-se a análise do crítico literário Antonio Candido que, diferente de Guimarães, procurou mostrar Sérgio Buarque por meio de sua militância política, com o texto *A visão política de Sérgio Buarque de Holanda* (1998), consistindo de particularidades com questões políticas e um breve ensaio sobre o capítulo final de *Raízes do Brasil*, mas teve desde jovem consciência política e posições ideológicas definidas. Sua viagem para a Alemanha em 1929 lhe mostrou os primeiros passos do nazismo e pode presenciar de perto os horrores do fascismo.¹⁰

⁸ EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras**, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010.

⁹ GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012. FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018.

Candido considerava *Raízes do Brasil* mais um pensamento no presente e deságua numa reflexão política de singular atualidade, do que uma tentativa de “explicar o Brasil”. Carregado de soluções de cunho democrático – popular, coloca como Sérgio Buarque foi o primeiro historiador que aludiu à necessidade de despertar a iniciativa das massas, manifestando assim um radicalismo democrático raro naquela altura fora dos pequenos agrupamentos de esquerda.¹¹

Um dos marcos mais significativos e originais de Holanda foi a forma como ele propôs trazer os elementos que compunham a sociedade brasileira em sua primeira obra *Raízes do Brasil*. Para que isso acontecesse, o autor paulista inovou e se desvinculou do modelo pessimista que se tinha da História do Brasil, destacado por muitos autores, como Sílvio Romero, Tobias Barreto, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco e outros. Era uma historiografia cercada de determinismos biológicos de influência positivista e evolucionista, mesmo sendo ideias dos anos de 1870, que ainda estavam presentes nos modelos de 1930. Capistrano de Abreu foi um dos primeiros a tecer críticas a esse tipo de ideias na historiografia brasileira, como exemplifica Eduardo Augusto Santos Silva.¹²

Assim, depois de apresentar o contexto, objetivos, problemática e notas dos principais autores e análises que sustentam este trabalho de monografia, apresento a estrutura de divisão da monografia para que ajude na compreensão do texto:

O primeiro capítulo tem como objetivo situar a obra em seu contexto histórico e mostrar o que a escrita de Sérgio B. de Holanda e de companheiros em destaque apresentaram de inovador em relação à historiografia antes de 1930. Esse capítulo é dividido em duas partes. A primeira chamada de “Fazendo História antes da década de 30”, apresento uma pequena análise sobre a historiografia brasileira antes da década de 1930 com alguns representantes que marcaram a forma de se pensar a história nacional, com ênfase nos sujeitos que contribuíram para a formação da nacional. Na segunda parte intitulada de “Fazer História na década de 30”, destaco algumas características do contexto da década de 1930, referente à política e a historiografia, do qual essa

¹⁰ CANDIDO, Antonio. A visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

¹¹ CANDIDO, Antonio. A visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 32.

¹² SILVA, Eduardo Augusto Santos. A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira a partir do livro *Raízes Do Brasil*. **Boletim Historiar**, n. 12, nov. /dez. 2015. p. 66.

historiografia se tornou um marco para o estudo do Brasil, principalmente com as ideias de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.. Assim, apresento algumas contribuições desses autores para o pensamento social da sociedade brasileira. Escrevi esse capítulo em torno de textos que destacam características da formação da historiografia brasileira e a contribuição de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. para a historiografia nacional.

No segundo capítulo apresento o livro mostrando seus principais temas, como foi sua recepção diante do Brasil, a originalidade do autor e a forma como essa originalidade foi utilizada para interpretar a sociedade brasileira. Este capítulo está dividido em três pontos: o primeiro intitulado “Raízes do Brasil: a obra” apresento a repercussão que a obra teve no contexto de 1930, a estratégia gerida na escolha da editora, o exame diante das edições do livro; o segundo “Sérgio Buarque de Holanda e o seu tempo”, indica os aspectos da originalidade do autor em artigos publicados antes de *Raízes do Brasil* e quais foram às contribuições desses artigos na obra e o terceiro definido como “Originalidades em Raízes do Brasil: História e escrita”, analiso a maneira como Sérgio B. de Holanda inovou com aspectos originais para desenvolver a escrita de obra em 1936, que podem ser identificados com mecanismos metafóricos, interpretativos ou organicistas, levando em consideração uma investigação analítica e crítica que se propôs fazer com o período colonial. Este capítulo apresenta os estudos em torno de artigos e textos focalizados na erudição e imaginação de Holanda e em *Raízes do Brasil*.

O capítulo final foi construído com a intenção de fazer contribuições sobre a fortuna crítica em volta dos estudos historiográficos sobre *Raízes do Brasil* e Sérgio Buarque de Holanda. Assim, argumento uma conexão entre o contexto de 1930 com a contemporaneidade, sustentando essa ideia nas interpretações de historiadores que discutem eixos sociais e políticos investidos no conceito de cordialidade mostrado em *Raízes do Brasil*. O capítulo é dividido em três tópicos: o primeiro é nomeado como “O homem cordial” incompreendido, destaco a importância do tema da cordialidade, no qual apresento a duplicidade do seu sentido e como o tema apresenta significados importantes para o entendimento da sociedade brasileira; o segundo denominado de “Raízes do Brasil e o pensamento social brasileiro” remete às perspectivas que foram criadas sobre as análises de *Raízes do Brasil*, entendo que, por ser um livro bastante referenciado, no decorrer dos anos foram surgindo conceitos diferentes sobre a forma de

interpretar a obra, podendo ter representações sociais, negativistas e metafóricas, sendo mais visíveis em artigos sobre a obra. E no último tópico definido como “A memória de um intelectual”, reflete no estilo desenvolvido nos trabalhos que falam propriamente sobre Sérgio Buarque de Holanda. O procedimento foi composto em grande parte, por teses, das quais fazem uma ligação entre os locais institucionais e sociais do autor, mostrando como esses lugares foram essenciais para as produções historiográficas do autor memorável.

CAPÍTULO I

Fazendo História antes da década de 30

A obra de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* publicada em 1936, teve grande importância para a historiografia brasileira. Este livro é considerado, pelas ciências sociais e humanas, uma obra incontornável para o pensamento social do Brasil, juntamente com as obras de Gilberto Freyre *Casa-grande e senzala* (1933) e Caio Prado Jr. com *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), por exemplo. Para discorrermos sobre esse marco que modificou a forma de escrever a história do Brasil, buscamos abordar sobre os meios inovadores que Sérgio Buarque de Holanda inaugurou na historiografia brasileira, demonstrando seus primeiros passos como escritor, apresentando o conteúdo dos seus textos, suas referências, os métodos e sua diferença dos outros autores da época. Para o desenvolvimento dessa análise é necessária uma breve exposição sobre a formação da historiografia brasileira, antes e no contexto da década de 1930, com suas principais características e a apresentação do contexto histórico para situar a importância da obra na compreensão da realidade nacional.

Nesse sentido, é necessário voltar alguns séculos para entendermos a linha historiográfica de pensamento sobre a formação da sociedade brasileira. A partir dessa análise, desenvolvemos um paralelo com os anos de 1930 para identificarmos a originalidade ofertada pelos intelectuais que inauguraram um novo estilo de se pensar a identidade nacional. Neste período, a escrita da história do Brasil busca explicar a sociedade do presente a partir de referenciais do seu passado. Assim, buscamos abordar as problemáticas e argumentações historiográficas do período colonial, principal referência de Sérgio Buarque de Holanda para explicar o Brasil.

No desenvolvimento dessa exposição chamamos a atenção para a historiografia oitocentista sobre a colonização e a escravidão do Brasil e como ela vai se destrinchando ao longo dos anos. Sobre esse diálogo, Hebe Mattos apresenta informações relevantes numa discussão historiográfica pertinente ao tema. A historiadora monta uma esquematização que aborda a visão de autores nacionais e de autores estrangeiros sobre o país. No qual, a história do Brasil apresentou calorosa articulação sobre o pensamento da identidade nacional, ocasionando fundamentações críticas abordadas entre os autores que se empenhavam em transmitir a formação da sociedade brasileira.¹³

São vários autores que compõem o quadro historiográfico referente ao período colonial. Francisco Adolfo de Varnhagen é um dos representantes mais conhecidos dentro desse grupo. O diplomata e historiador nascido no Brasil publicou os dois tomos intitulados *História geral do Brasil* em 1854 e 1857, com nova edição em 1877. Nessa obra, destaca o *descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento do Estado*. Sua escrita apresenta documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda. Varnhagen desenvolveu sua interpretação sobre a nacionalidade brasileira como fruto direto da presença portuguesa enraizada na América. Esse posicionamento indica como o autor centralizou sua investigação nos feitos do descobrimento dos portugueses e biografia dos principais personagens da história vista como oficial e, como era próprio daquele contexto, colocou os demais protagonistas em segundo plano na compreensão da identidade nacional, ou seja, a participação das populações indígenas e africanas foi menos evidenciada do que a dos europeus, relata Hebe Mattos.¹⁴

Mesmo tratando desses povos, não teve nenhum incômodo em inseri-los como sujeitos ativos politicamente dentro do contexto colonial. Para ele a escravidão africana era uma questão histórica e os povos originários eram considerados como *não civilizado* e, conseqüentemente, os colocava como um problema político contemporâneo. Hebe Mattos relata como na escrita de Varnhagen havia uma carga preconceituosa referente a esses povos. Entretanto, de forma tímida, Varnhagen abre caminho para a composição de uma história que toca propriamente no ideário de uma nacionalidade autêntica, vista na segunda edição do seu ensaio, destacando a descrição da terra, os costumes dos povos originários e contribuições dos povos nativos da África, afirma Hebe Mattos.¹⁵

A historiografia oitocentista gerou embates em relação à centralização dos nativos americanos e dos negros naturais da África na história do Brasil. Enquanto Varnhagen não explorava profundamente esse aspecto, outros autores empreendiam essa característica em seus relatos. O general Abreu e Lima¹⁶ buscava incorporar heróis

¹³ MATTOS, Hebe. “Colonização e a escravidão no Brasil: Memória e Historiografia”. In: **O Brasil Colonial (1443-1580)**. Org. FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 86. Agradeço à Prof. Érica pela indicação desse texto.

¹⁴ Idem, op. Cit., p. 44.

¹⁵ Idem, op. Cit., p. 48.

¹⁶ **José Inácio de Abreu e Lima** (1794-1869) foi um militar e escritor brasileiro. Participou das guerras de independência da América espanhola, foi um dos generais de Simón Bolívar, um dos principais líderes

de origem negra e indígena à história da pátria, sendo objeto de crítica de Varnhagen. Esse aspecto envolvendo essas populações dentro da interpretação do país chamou a atenção estrangeira. O francês Henrique N. Bellegarde e o inglês Robert Southey¹⁷ dedicaram muito mais espaço à escravidão e aos costumes dos grupos indígenas do que os compêndios e manuais brasileiros neles inspirados. Hebe Mattos afirma que para o olhar estrangeiro, a escravidão e a presença indígena marcavam o exotismo e a peculiaridade do país.¹⁸

Capistrano de Abreu, uma das referências inaugurais de escrita da história do Brasil, sobretudo colonial, era um admirador da historiografia de Varnhagen e reconhecia sua importância, mas distanciou de sua escrita e procurou focar no Brasil e não na propagação portuguesa. *Capítulos de história colonial*, obra mais conhecida do historiador brasileiro, foi publicada em 1907. No final do século XIX o autor, já buscava uma história do desbravamento das vastas extensões de terra da América, com a adaptação do português ao novo meio, misturando-se como os povos nativos e incorporando muitas de suas técnicas e conhecimentos, assim comporia um novo tipo de sociedade. Capistrano apresentava a “mestiçagem” como um fator específico da nacionalidade e não como uma forma de branqueamento como investia Varnhagen. Enquanto Capistrano transcrevia a escravidão com naturalidade, Karl Philip *Von Martius*¹⁹ reconhecia-a como um problema, onde era difícil ignorá-la em um país em que a escravidão era reconhecida por lei e que tolerava de maneira escandalosa o comércio ilegal de cativos africanos, afirma Hebe Mattos.²⁰

Assim como Varnhagen foi referência entre os historiadores de sua época, Capistrano também influenciou muitos autores entre as primeiras décadas do século

pela libertação da América hispânica. Publicou, entre outros, os livros *Compêndio de História do Brasil* (1843).

¹⁷ **Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde** (1802 -1839) foi um engenheiro militar, geógrafo e historiador luso-brasileiro, escreveu o *Resumo de História do Brasil até 1838*, de Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, publicados em 1831 e 1834. **Robert Southey** (1774 – 1843) foi um historiador, escritor e poeta britânico da escola do romantismo. De 1810 a 1819 lançou a *História do Brasil*, em Londres, que foi a primeira publicação contendo a sua história geral e que abrange todo o período colonial até a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808. Em 1862, a sua *História do Brasil* foi editada pela primeira vez no Brasil pela Livraria Garnier.

¹⁸ MATTOS, Hebe. “Colonização e a escravidão no Brasil: Memória e Historiografia”. In: **O Brasil Colonial (1443-1580)**. Org. FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 45.

¹⁹ *Von Martius foi um naturalista alemão*, vencedor de um concurso organizado pelo IHGB, em 1846, aberto a intelectuais que se dispusessem a elaborar um manual sobre como escrever a história do Brasil.

²⁰ MATTOS, Hebe. “Colonização e a escravidão no Brasil: Memória e Historiografia”. In: **O Brasil Colonial (1443-1580)**. Org. FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 56.

XX. Nesse século a composição da história brasileira apresenta-se mais flexível e renovada. Um fato relevante para essa renovação consiste no desenvolvimento de pesquisas históricas de fontes sobre o período colonial, realizadas por institutos históricos e por revistas diversificadas. Entre as instituições destacam-se a *Academia Brasileira de Letras*, a *Biblioteca Nacional*, a *Sociedade Capistrano de Abreu*, o *Arquivo Público de São Paulo*, o *Museu do Ipiranga* e as mais importantes casas editoriais.

Para mostrar a flexibilidade historiográfica deste contexto, Hebe Mattos monta uma linha investigativa a partir das reflexões feitas por estrangeiros sobre o país, durante as primeiras décadas do século XX, especificamente sobre a visão francesa com os historiadores Emile Coornaert e Henri Hauser. Ambos professores convidados a trabalhar em Universidades brasileiras, o primeiro foi convidado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e o segundo lecionou na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, do qual Sérgio Buarque de foi seu assistente.

Sobre a ótica francesa, percebemos uma historiografia mais aberta ao diálogo com ciências vizinhas, como a geografia, sociologia, folclore e a antropologia, utilizadas em estudos voltados para escravidão africana no Brasil e também sobre os povos naturais da terra. Em seus textos, Coornaert destaca dois autores com trabalhos antropológicos sobre os negros, em que foram os percursores no Brasil, Nina Rodrigues e Arthur Ramos.²¹ Coornaert elegia as inúmeras informações que os autores apresentaram em seus trabalhos, mas não concordava com teorias racistas de cunho científico predominantes na época, afirma Hebe Mattos.

Outro autor que recebeu relevo especial foi Affonso d' Escragnolle-Taunay,²²

²¹ Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Médico e antropólogo maranhense. Suas obras tinham com características modelos cientificistas, que a partir da medicina procurou escrever sobre questões raciais considerando os negros como inferiores. A maioria de suas obras foram escritas nos anos oitocentista, como *Os africanos no Brasil*, *As Raças Humanas e as Responsabilidades Penal no Brasil* (1894), *O regicida Marcellino Bispo* (1899), *A Medicina legal no Brasil*, *Epidémie de folie religieuse au Brésil* (1895), *Liberdade profissional em medicina* (1899), *Fragmentos de pathologia intertropical: beri-beri, afecções cardíacas e renaes* (1892). Arthur Ramos (1903-1949). Médico, antropólogo, psicólogo e folclorista, seus estudos sobre os negros e a identidade brasileira tiveram destaque nas Ciências sociais, em seus estudos desenvolveu o termo da “democracia racial”. Suas obras foram publicadas na primeira metade do século XX. *O negro brasileiro: Etnografia religiosa e psicanálise* (1934), *O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1930), *As culturas negras no Novo Mundo* (1937), *Introdução a Psicologia Social* (1936), *A mestiçagem no Brasil*.

²² Afonso d' Escragnolle Taunay (1876-1958). Historiador, tradutor, lexicógrafo, professor. Seus estudos historiográficos se destacam sobre o bandeirismo paulista, período colonial brasileiro, literatura, da ciência e da arte no Brasil e com ênfase na terminologia científica. Entre suas obras publicadas no século

tanto Coornaert como Hauser valorizaram em sua obra informações sobre a história do tráfico e da escravidão no Brasil. Além disso, Hauser trazia algumas argumentações como a tardia abolição da escravidão no Brasil, e como ela era assegurada institucionalmente, não somente a oriunda da África, mas também a indígena. A escravidão era fervorosamente dominante no Brasil, Hauser descava como ainda havia a deslegitimação de instituições que propagavam ideias abolicionistas, onde o país reconhece a legislação da extinção do tráfico, somente porque necessitava do reconhecimento inglês para a independência. E outro ponto importante atribuído à problemática da escravidão destinava-se ao caráter *doce* e a influência do negro na sociedade, implicando que a escravidão era tratada com certa leveza, pois se observava dados que intencionavam a ideia de *doçura* como o intenso volume de alforrias e autocompras, a permissão de costumes religiosos e a apropriação do nome da família dos senhores pelos libertos e a permanência dos cativos na fazenda após a abolição, argumenta Hebe Mattos.²³

Hauser não apresenta uma perspectiva social tão flexível e dialogada como Coornaert. Em suas explanações mostrava concordância com conceitos de autores como do sociólogo Oliveira Vianna ou de Nina Rodrigues, já citado. Estes investiam em dizer que era pequena a contribuição do negro à vida sociocultural brasileira, o que não podia, entretanto, ser estendida aos mestiços, argumenta Hebe Mattos. A veiculação por Hauser, conhecido como historiador progressista e republicano, de tais considerações dá bem a medida do quanto em meados dos anos de 1930 a legitimidade científica internacional era ainda tributária do racismo científico.²⁴

Na primeira metade do século XX, a historiografia além de destacar a escravidão detalhadamente, também começou a observar a intensidade do tráfico negreiro, apresentando argumentações problemáticas sobre esse processo. Ao contrário, do que faziam muitos historiadores oitocentistas, que introduziam a escravidão africana como institucional ou socioeconômica como Varnhagen ou como uma questão naturalizada como Capistrano, passávamos a ver uma história mais integradora a partir

XX destacamos: *Guia da Secção Histórica do Museu Paulista* (1937), *A missão artística de 1816* (1912), *História da cidade de São Paulo* (1953), *Pequena história do café no Brasil (1727-1937)* (1945), *Grandes Vultos da Independência Brasileira* (1922), *Monstros e monstregos do Brasil: ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII*.

²³ MATTOS, Hebe. “Colonização e a escravidão no Brasil: Memória e Historiografia”. In: **O Brasil Colonial (1443-1580)**. Org. FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 65.

²⁴ Idem, op. Cit., p. 68.

do século XX, na perspectiva de mostrar uma sociedade representada por sujeitos diversificados e abandonando conceitos que foram instituídos por séculos.

Fazendo História na década de 30

Após essa análise da historiografia brasileira antes da década de 30, baseada fundamentalmente nas ideias apresentadas pela historiadora Hebe Mattos, analisarei de forma mais detalhada as décadas 1930 e 1940 e os seus representantes mais marcantes, entre eles, Sérgio Buarque de Holanda com *Raízes do Brasil* (1936), objeto dessa pesquisa. Além de outros, como Gilberto Freyre com *Casa-grande & senzala* (1933) e Caio Prado Jr. com *Formação do Brasil contemporâneo* (1942).

Esses autores inauguraram uma nova forma de compreensão sobre o contexto estudado, conduzindo um debate crítico sobre o período colonial e conseqüentemente sobre sua realidade. Um fato que chamou a atenção nessa nova fase da historiografia foi o desenvolvimento do diálogo com a sociologia e a economia, responsáveis em grande medida pela renovação do discurso histórico do período, afirma Hebe Mattos.²⁵

É essencial destacarmos como esses autores romperam com a jornada de preceitos pré-estabelecidos dentro da historiografia brasileira dos oitocentos. A importância que esse trio trouxe para a interpretação nacional foi fundamental e ainda é indispensável, para os que buscam conhecer a formação do país. Elide Rugai Bastos, socióloga e pesquisadora do pensamento social brasileiro, ao fazer referência às obras de Holanda, Prado Jr. e Freyre, destaca que:

Nos três livros, a recuperação do passado opera como elemento de explicação do presente, de seus traços e de seus impasses. Mas em cada um a versão do passado é diferente porque, entre várias outras razões, é diversa a visão sobre o lugar da tradição na explicação do país. Assim, a mobilização da história, além de fundar explicações das características da sociedade brasileira, porque associada à sociologia, assume funções políticas e define o modo pelo qual a utilizam não só como forma de desvendamento da realidade, mas como proposições para alterá-la.²⁶

²⁵ Idem, op. Cit., p. 74.

²⁶ BASTOS, Elide Rugai. Raízes do Brasil – Sobrados e mucambos: Um diálogo. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 227-228.

O contexto de 30, no qual estavam inseridos os novos intérpretes, é elementar, pois, era uma época onde os pensadores brasileiros buscavam decifrar a identidade Nacional. Caracterizou-se por um período histórico agitado, com a revolução de 1930, que marcou o fim da chamada República Velha (1889-1930), formada pela política de café-com-leite, dominada por São Paulo e Minas Gerais, na qual se encontrava fragilizada, devido à crise de 1929. O quadro internacional afetou a economia cafeeira, rompendo-se o pacto entre a política paulista e a mineira. Para o desenvolvimento de uma reorganização política, o Brasil buscou políticas públicas que o tornaram mais moderno economicamente, e menos excludente socialmente, sendo a centralização do Estado o caminho para a nacionalização e a modernização do poder público no Brasil, como exemplifica Ângela de Castro Gomes.²⁷

Após disputa pela presidência do país, no qual a vitória foi do estado de São Paulo, devido ao golpe de estado de 1930 que foi liderado pelos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, o governante eleito não assumiu a presidência. Assim, o golpe derrubou o então presidente Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e instaurou um Governo Provisório com Getúlio Vargas no poder.

Vargas prolongou o seu governo até os de 1945, onde em 1937 implanta uma nova constituição conhecida como “Polaca” e, no mesmo ano, insere o seu governo a ditadura do Estado Novo. A implantação da ditadura é vista como referência ao movimento fascista evidente em vários países. É definido pela constituição de um governo modernizador autoritário, com os poderes centralizados nas mãos do presidente e uma política que buscava enaltecer a nacionalidade brasileira e uma aproximação entre o público e povo, promovendo eventos festivos como parte integradora da sociedade. Comemorava-se com grande louvor o 1º de maio, data especial que destaca o dia do trabalhador. Outras datas como o aniversário do presidente e do Estado Novo também eram celebradas. Outro instrumento marcante nesse governo foi o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), atuando como mecanismo de censura e propaganda, caracterizou Ângela de Castro Gomes, pesquisadora da história política brasileira.²⁸

²⁷ GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP**, (65), 2005. p. 109.

Nas cidades ocorreu um acentuado processo de urbanização, com transição do rural para o urbano, causando explosão demográfica em diversas localidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, capital do país na época. Com a crescente industrialização, o Brasil vivia um momento de profundas mudanças, que afetava inúmeros setores da sociedade, ou seja, política, cultura, demografia, bem como a estrutura econômica e social. Este é o contexto da consolidação das Leis trabalhistas do voto feminino, direito instituído em 1932.

Este Brasil que se inicia, após a chamada “República Velha”, inaugura também um pensamento social preocupado em explicar a identidade nacional com novas problemáticas. Muitas dessas questões ainda estavam relacionadas ao período colonial como a integração social, a relação entre o senhor e o escravo e a conexão econômica entre Brasil e a sua metrópole. Nesse sentido, a volta ao nascimento do país se torna essencial, por isso Holanda, Freyre e Prado Jr. investem nessa discursão sobre a formação nacional.

A historiadora Laura de Mello e Souza contextualiza esse momento historiográfico com as ideias apresentadas sobre os autores. Dessa forma, a partir desse momento, mostraremos alguns apontamentos característicos de cada autor e posteriormente levantaremos alguns distanciamentos entre as ideias de Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. que divergem das teorias de Sérgio Buarque de Holanda.²⁹

Gilberto Freyre apresenta um estudo social do pensamento brasileiro, inserindo a participação do escravo na sociedade, a relação de apaziguamento com o senhor patriarcal dentro da casa grande e destaca a miscigenação como um fator positivo para a formação da sociedade brasileira. O sociólogo e historiador pernambucano compreende a família patriarcal como marco da colonização que, desde o início, orientava toda a organização social. Segundo Laura de Mello e Souza, Freyre conseguiu fornecer uma alternativa analítica para a compreensão do país e de suas elites, mas negligenciou a matriz das situações específicas ou desviantes e centralizou sua obra em uma historiografia que minimizava conflitos dentro da dinâmica social do Brasil.³⁰

²⁸ GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 216.

²⁹ SOUZA, Laura Mello e. **O sol e a sombra**: política e administração na América portuguesa do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³⁰ Idem, op. Cit., p.33.

Sergio Buarque de Holanda partiu de uma perspectiva que tentou fazer uma história mais social voltada para a cultura lançando mão de sua veia Weberiana, com os livros *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1925) e *Economia e sociedade* (1934). Holanda traçou a história da formação da nossa sociedade de forma mais hermenêutica buscando no passado explicações e quiçá soluções para os problemas de seu tempo. Busca tecer críticas em sua realidade utilizando como referência a colonização portuguesa, ressaltando, como mecanismos corruptos que permeavam os anos de colonização arrastaram-se durante a formação da nação brasileira. E ainda, abre um comparativo em relação à colonização portuguesa e a espanhola, exemplificado como os espanhóis tinham grande aptidão para planejamento das suas cidades e os portugueses não tinham essa organização, e desbravaram o território sem planejamento. Holanda traz em sua obra um aspecto novo que foge dos padrões historiográficos tradicionais, desvincula-se daquela História produzida pelas concepções europeia, ele não prega o discurso de superioridade ou inferioridade. Sérgio Buarque de Holanda destaca a importância dos demais sujeitos, além dos colonizadores, que tem o seu valor e o seu protagonismo na construção da identidade nacional de sua época, segundo Laura de Mello e Souza.³¹

Tanto Buarque de Holanda como Gilberto Freyre tomam o passado para entender e explicar o presente, procurando na colonização e no sistema colonial “raízes” que explicam o comportamento vigente em sua época, ambos utilizando fontes inovadoras e aproximando-se mais de uma história voltada para o viés social e cultural, destacando pessoas comuns como protagonistas para o estudo. Enquanto o primeiro olha para o passado com um olhar mais investigativo e crítico, o segundo revela um sentimento nostálgico ao falar dos bons tempos da oligarquia. Segundo Karoline Biscardi, para entender tal posicionamento devemos lembrar que Freyre fazia parte da aristocracia brasileira tendo sido de família proprietária de escravos. Logo, era mais que “aceitável” olhar para o passado com nostalgia, Holanda era de família abastada, porém, adepto de algumas ideias modernistas e foi influenciado em grande parte por teorias e movimentos europeus como a Escola alemã.³²

³¹ Idem, op. Cit., p.39.

³² BISCARDI, Karoline. **Análise Comparativa do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil e Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala.** Disponível em: <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC2/KAROLINEBISCARDI1.pdf>. Acesso em: 24/11/20.

Contudo, ambos os autores fizeram posicionamentos importantes em suas obras que ainda hoje servem de base para estudarmos a formação da identidade nacional do Brasil. Freyre estava preocupado em exaltar a família patriarcal e a contribuição das três raças para a formação da sociedade integrando o negro e o índio, figuras até então negligenciadas historicamente pela historiografia. Segundo Mateus Sagai:

A ideia de um “paraíso racial”, onde o português criou todo um sistema patriarcal, dispensado ao escravo negro um tratamento “suave”. Isto, segundo ele, devia-se à necessidade de um patriarcalismo “polígamo” para o desenvolvimento de uma sociedade “híbrida”; vale ressaltar que essa hibridização significava não só uma mistura de “raças”, mas também um intercâmbio de culturas.³³

Freyre busca uma relação afetiva entre grupos raciais e sociais, na formação de uma conjuntura nacional, proposta em *Casa Grande e Senzala*. Recebendo críticas profundas por conduzir esse fato com um tom de apaziguamento. Segundo Ronaldo Vainfas essas críticas sobre a obra de Freyre foram consolidadas pela chamada escola *histórico-sociológica paulista*, na mesma Universidade de São Paulo (USP) onde Sérgio Buarque lecionava, assim, o prestígio dessa escola contribuiu para condenação da obra freyriana principalmente no Brasil. Vainfas acredita que *Raízes do Brasil* possa ter contribuído com essa condenação por muitos fazerem comparações sobre as obras dos autores. Pois ao contrário de Freyre, Holanda objetiva-se a tecer críticas ferrenhas às raízes ibéricas que, segundo ele, trouxeram pontos negativos para a nossa construção cultural, formando o homem que age mais pela emoção que pela razão, conceitualizando o termo “homem cordial”.³⁴

Caio Prado Jr., adepto da corrente marxistas, retrata uma análise referente à colonização por um viés econômico, destacando como o Brasil tinha se formado como colônia para satisfazer as necessidades da metrópole e não para entender as estruturas internas do país. O autor qualifica a administração portuguesa como caótica, irracional, contraditória e rotineira, ressaltando a complexidade em instituições e órgãos que garantiam a institucionalidade das leis, destaca Laura de Mello e Souza. Caio Prado Jr. ainda recrimina o Estado português por ter sido incapaz de criar algo original na

³³ SAGAI, Mateus Seigo. Discutindo Gilberto Freyre. **Janus, Maringá**, ano I, n. 3, p. 11 – 16, abr. 1998, p.13.

³⁴ VAINFAS, Ronaldo. O Imbróglio de *Raízes*: notas sobre a fortuna crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.36, n. 73, 2016.

administração da colônia, pois apenas repetiu o sistema administrativo de Portugal. Não conseguiram prover órgãos diferentes e adaptados às condições peculiares do Brasil. Portanto, Caio Prado Jr. concentra sua investigação na inaptidão da metrópole em replicar suas leis de governabilidade sobre a colônia, afirma Laura de Mello e Souza.³⁵

Partindo para o que diz respeito à questão relacionada com a formação da identidade da população brasileira, os autores tomam distanciamentos, no que discutem a contribuição da escravidão para a formação do Brasil. Caio Prado, traz os negros e indígenas como um elemento centralizado para a força física, no qual eram submetidos às imposições pelos representantes do velho mundo. Ele sabia da importância do escravo e nativo para a formação cultural, mas é antes uma contribuição passiva, resultante do simples fato da presença dele e da difusão do seu sangue.³⁶

Sérgio Buarque Holanda, ao contrário de Prado Jr., apresenta os nativos e os negros, como uma contribuição ativa para a formação da identidade da nação. Ressaltava como sua influência penetrava sinuosamente o recesso doméstico, agindo com dissolvente de qualquer ideia de separação de castas e raças, de qualquer disciplina fundada em tal separação.³⁷

Assim, percebemos como Prado Jr. apresentava uma análise do Brasil com índios e negros, sobretudo os últimos, associados ao trabalho. E Holanda conduziu uma visão mais integradora, via esses povos como elemento fundamental para a nação, já que o país foi formado com a “plasticidade social” dos portugueses, tese também defendida por Freyre. Ambos mostram a importância das discussões sobre raças nas primeiras décadas do século XX, conduzindo uma narrativa que visa comparar esses aspectos coloniais com as suas realidades.

Um fato que chama atenção nessa historiografia dos anos 1930 e 1940, destacado por Laura de Mello e Souza, é a desconsolação desses autores perante a administração portuguesa, com exceção de Gilberto Freyre que tinha uma visão otimista do Brasil. A historiadora retrata como os ensaios que marcaram as épocas são visões negativas da administração portuguesa na América. Entre esses autores havia um

³⁵ SOUZA, Laura Mello e. **O sol e a sombra**: política e administração na América portuguesa do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 35.

³⁶ PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 272.

³⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 24.

ressentimento ante a antiga metrópole, e a má gestão da ex-colônia alinhava-se com outros “pecados” e doenças, sendo o escravismo o maior deles. Laura de Mello e Souza observa como esses autores fazem uma explicação do Brasil no geral e deixam em segundo plano o exame de fenômenos específicos e elucidativos.³⁸

Embora, possamos deduzir que tanto os intelectuais anteriores a 1930 como os posteriores tenham o objetivo de apontar uma explicação para a formação brasileira, há diferença nessas análises. Os autores que antecedem a década de 30 trabalham a construção da identidade nacional por uma perspectiva europeizada, ainda muito apegada aos valores monárquicos, própria do contexto de escrita. Enquanto os autores posteriores a 1930 estão preocupados em distanciar o Brasil do seu passado colonial, próprio de um contexto de formação de verdadeira identidade nacional. Estudar esses autores oitocentistas permite entender as novidades que Sérgio Buarque de Holanda apresentou com *Raízes do Brasil*, abrindo espaço para percebermos as continuidades do período colonial em uma contextualização ampla com as estruturas da identidade brasileira.

As contribuições desses autores foram importantes para o estudo do Brasil, de acordo com Ronaldo Vainfas. Enquanto Holanda apresenta muitas contribuições a nossa historiografia, com a comparação da colonização portuguesa e espanhola, apontou alguns aspectos sobre a mescla cultural na formação do país, a passionalidade no caráter do povo e a relação corrompida entre as instituições públicas por meio de interesses privados. Por outro lado, Freyre, por meio de generalizações abusivas, intuições subjetivas e outros fatores, pôs destaque à miscigenação sexualizada, cultural e racial, que é uma questão chave da história do Brasil. Por fim, Prado Jr. apontou a relação de dependência que a metrópole portuguesa tinha com a colônia brasileira e propôs em sua historiografia marxista destacar o racismo da sociedade colonial.³⁹

Dentro do discurso dos autores estudados, que buscam explicar nossa formação nacional, observamos como o tema dos nativos, negros escravizados e portugueses são centrais para pensar o Brasil desde os oitocentos. Em 1845, o alemão Karl Von Martius, como destacado anteriormente, havia afirmado que a chave da interpretação para se

³⁸ SOUZA, Laura Mello e. **O sol e a sombra**: política e administração na América portuguesa do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 40.

³⁹ VAINFAS, **Ronaldo**. **Colonização, miscigenação e questão racial**: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. 8 Tempo. Ago, 1999.

compreender a história brasileira residia no estudo das três “raças” formadoras de nossa nacionalidade, a branca, a indígena e negra.⁴⁰ Embora, para uns, como Varnhagen em 1854, os portugueses ganharam mais destaque do que os povos indígenas e negros para a formação da identidade nacional. Somente na década de 30, há uma perspectiva de mudança, para se pensar a formação nacional. A partir da análise de Freyre, Holanda e Prado Jr., a forma de se pensar nossa sociedade é associada a uma mescla cultural da participação direta dos indígenas, negros e portugueses e não pela predominância dos portugueses sobre os demais povos, como sugeria Varnhagen.

O debate historiográfico, antes e depois de 1930, sobre a formação da nacionalidade brasileira desafia qualquer resumo, por isso não foi apresentado um perfil detalhado e com as características que rodeiam a composição de cada autor ou do período histórico que estavam inseridos. O objetivo é mostrar especialmente como a historiografia que acompanha Sérgio B. de Holanda tornou-se inovadora no campo das interpretações nacionais, sobretudo com seus contemporâneos Prado Jr. e Freyre e, por fim, aprofundar na discussão sobre o objeto deste trabalho.

⁴⁰ MARTIUS, Carl F. P. Von. Como se deve escrever a história do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 24; 389-411, 1845.

⁴¹ DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006. p. 148.

⁴² FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018. p. 68.

CAPÍTULO II

Raízes do Brasil: a obra

A responsável pela publicação do livro *Raízes do Brasil* foi a editora José Olympio. Em 1936 foi criada a *Coleção Documentos Brasileiros*, sendo *Raízes do Brasil* seu primeiro volume, no qual esse privilégio foi assegurado pelo seu amigo Gilberto Freyre que atuava como diretor da iniciativa editorial. E o nome *Coleção Documentos Brasileiros* não aconteceu por acaso, visto que era um período voltado para a busca da identidade nacional e os intelectuais estavam preocupados em responder quem era os brasileiros. Segundo Edgar Salvadori de Decca, essa questão de responder “quem somos” permeia em nosso contexto desde o século XIX e na consolidação do Estado nacional, na década de 1930, surgiu como uma indagação urgente, se tornando uma obsessão para os intelectuais brasileiros. Certamente é perceptível que afirmar “quem somos” carrega uma grande conotação política, pois definimos também os agentes legitimamente reconhecidos para a ação política.⁴¹

Certamente, o lançamento do livro efetuou-se estrategicamente pela editora, para tentar satisfazer o maior anseio intelectual do momento, responder a indagação “quem somos”, ou seja, foi uma resposta ao que intérpretes e o Estado em si, buscavam definir. Logo, o livro teve ampla repercussão nacional, inúmeras resenhas e notas propagandistas ou não, com autorias e sem autorias, totalizando 78 artigos referentes à primeira edição, afirma André Furtado. As notas sobre a obra foram distribuídos jornais por todo o país, como *A Nação*, *A Batalha*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e *Monitor Copista* (Rio de Janeiro); *O Estado de S. Paulo*, *Correio de São Paulo* e *O Oeste Paulista*; *Diário da Bahia*; *O Tempo* e *Correio do Povo* (Rio Grande do Sul); *Minas Geraes*; *Jornal de Alagoas*; *Estado de Sergipe*; *O Nordeste* (Ceará); *A Imprensa* (Paraíba); *Diário da Manhã* (Pernambuco); *Diário da Tarde* (Santa Catarina); *Gazeta do Povo* (Paraná) etc.⁴²

A obra ganhou repercussão não só por meio de periódicos de Norte a Sul, mas também pelas leituras transmitidas nas emissoras de rádio da época. Entretanto, quando

circularam em suportes de papel, sua propagação se estendeu por mais de dois anos sob a forma de notas e resenhas, saídas entre 25 de outubro de 1936 e 12 de novembro de 1938.⁴³

E nesses ensaios repercutiam vários temas e especulações sobre a obra. Objetividade, psicologia social ou coletiva, democracia liberal, revolução, fascismo, raça, mentalidade, América, comunismo, formação nacional e realidade brasileira são termos que balizaram os quadros receptivos do título de estreia buarqueano. O alcance do livro foi visível no âmbito nacional por produzir algo novo. Segundo André Furtado, a obra propôs exatamente o que se pretende como uma das funções de historiador: ligar fatos históricos à realidade em que o sujeito está inserido, ocasionando uma frutífera discussão sobre a sociedade brasileira.⁴⁴

Raízes do Brasil tornou-se um marco sem igual, do seu ano de lançamento até 2014 foram contabilizadas 27 edições. A edição de 1969 foi a última aprovada em vida pelo próprio Sérgio Buarque. Em 2016 o clássico ganhou uma edição crítica especial em homenagem aos 80 anos, organizada pelos professores Lilia Moritz Schwarcz, da USP, e Pedro Meira Monteiro, da Universidade de Princeton, lançada pela Editora Companhia das Letras.⁴⁵

Para alguns autores estudiosos da obra de Holanda como João Cezar de Castro Rocha, essas edições não foram nenhuma surpresa, visto que, escritor paulista com sua didática interpretativa, não deixaria o livro como um texto definitivo e sim um texto variável às releituras. Destacando o “cuidado com o estilo, visto como fundamento da expressão clara das ideias, fator que convidava a revisões constantes”.⁴⁶ Pois como bem demonstra Maria Odila L. da S. Dias: “As inovações de estilo narrativo são óbvias (...). O historiador jogou com a contextualização das palavras em diferentes épocas e constatou a movimentação da narrativa com ritmos de tempo que pretendia decifrar passado”.⁴⁷

⁴³ Idem, op. Cit., p. 73.

⁴⁴ Idem, op. Cit., p 72.

⁴⁵ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição crítica. Org. Lilia Moritz Schwartz e Pedro Meira Monteiro. Estabelecimento de texto e notas Mauricio Acuña e Marcelo Diego. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

⁴⁶ ROCHA, João Cezar de Castro. O exílio como eixo: bem-sucedido e desterrados ou Por uma edição crítica de *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro / Ed. UERJ, 2008. p. 246.

Entre essas edições a mais significativa foi a de 1948, a segunda edição surge em formato mais radical, embora a primeira edição já tivesse crítica a aspectos da colonização portuguesa, somente a segunda consolida o “radicalismo”, afirma o historiador João Kennedy. Além do radicalismo, houve várias alterações pontuais, em título, epígrafes e adição de parágrafos e mudanças relevantes de interpretações. Observa-se como o pretendeu deixar seu livro mais perceptível, visto que, em 1936 foi recebido com críticas intensas ou foi mal interpretado, particularmente o conceito de Homem Cordial, problemática que será abordada adiante.⁴⁸

Outro destaque que podemos observar na mudança da primeira para a segunda edição de *Raízes do Brasil* (1936) foi o afastamento dos intelectuais alemães da primeira para a segunda edição de 1948, como explica J. K. Eugênio. Esse fato se deu em decorrência do contexto internacional do pós-guerra, onde o campo intelectual, cultural e político dos germânicos não eram bem vistos, afirma Dalton Sanches.⁴⁹ Sérgio Buarque de Holanda parece ter-se arrependido de sua germanofilia intelectual ou de parte dela, apesar de que a maioria dos intelectuais alemães admirados pelo autor não tenha apoiado o nazismo, argumenta Eugênio Kennedy.⁵⁰

Ronaldo Vainfas afirma ainda que a “desgermanização” da segunda edição da obra é evidente, mas não significa dizer que a germanofilia intelectual do autor tenha desaparecido. Sérgio Buarque de Holanda abandonou apenas parte do pensamento alemão nos anos de 1930, pois na década de 1950, volta-se a aproximar desses intelectuais, sobretudo quando toma como referência a obra *Europäische Literatur und Lateinisches* (1948) de Ernst Curtius (1886-1956) na elaboração de *Visões do Paraíso* (1959).⁵¹

Sérgio Buarque de Holanda e o seu tempo

⁴⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Introdução”. In: Holanda, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*. Santiago, Silveiro (org.). 2ª ed. Coleção **Intérpretes do Brasil**, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002 [2000], p. 925.

⁴⁸ p. 294.

⁴⁹ SANCHES, Dalton. **Entre formas hesitantes e bastardas: ensaísmo, modernismo e escrita da história em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda (1900 – 1956)**. Dissertação (mestrado) – Universidade de Campinas (Unicamp). Campinas, 2013.

⁵⁰ EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras**, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010. p. 191 -193.

⁵¹ VAINFAS, Ronaldo. O Imbróglio de *Raízes*: notas sobre a fortuna crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.36, n. 73, 2016.

Um aspecto importante que chama a atenção nos textos é a preocupação de Sérgio Buarque com a realidade brasileira e a cultura nacional. Mesmo que seus textos apresentem estilos distintos, uns com características modernistas e outros monárquicas, há argumentações propondo enaltecer o povo brasileiro, seja na questão política ou na autenticidade de uma cultura originária com sua história nacional, sem importações estrangeiras da Europa ou dos Estados Unidos.

A obra *Raízes do Brasil* (1936) marca o caráter original do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, no entanto, o que percebemos é uma quantidade de trabalhos anteriores à publicação, que sustentaram a inovação do seu livro. Ao refletir conceitos como o processo de modernização, vigoroso na década de 30, Holanda utilizou o legado ibérico como empecilho para a urbanização. Logo, o livro teve como estratégia o diálogo com seu contexto.

Mas textos como *A originalidade Nacional da Literatura Brasileira* (1920), *Viva o Imperador* (1920), *A quimera do monroísmo* (1920), *A bandeira Nacional* (1920), *O gênio do século* (1921), *Homeopatas* (1921), *O homem – máquina* (1921), *O lado oposto e outros lados* (1926) *Perspectivas* (1925), *A viagem a Nápoles* (1931), *Corpo e alma do Brasil: Ensaio de psicologia social* (1935), publicados entre os anos de 1920 e 1935 e dispersos em jornais e revistas, expõe o potencial inovador do historiador.

O historiador João Eugênio ressalta como estes são artigos de várias naturezas e circunstâncias são ensaios que mostram algumas peculiaridades nas temáticas abordadas pelo autor, enfatizando perspectivas sobre a forma de governabilidade do país, discursos sobre a realidade brasileira e a cultura nacional, com distinção entre portugueses e espanhóis, tradição ibérica, valorização da singularidade das culturas, crítica à racionalização da vida e ao mimetismo cultural, o elogio à monarquia, o pleito por uma ciência do particular e a ênfase na espontaneidade. É relevante destacar como alguns desses pontos ressurgem em *Raízes do Brasil*. Assim, é condizente explicar que algumas teses que marcaram a originalidade em seu livro, já haviam sido abordadas em alguns dos artigos produzidos pelo autor.⁵²

Na época que surgiram os primeiros textos de Sérgio Buarque, com estilos argumentativos sobre valorizar a realidade, surgia o movimento modernista, que

⁵² EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 426.

sinalizava uma inovação entre os seus participantes referente à inserção de uma cultura brasileira diversificada, mostrando quem eram os brasileiros. E logo chamou a atenção de Holanda, por ser um movimento de abrangência nacional referente aos sujeitos do Brasil.

João Kennedy E. destaca como a relação de Sérgio Buarque com o Modernismo entrelaça um comportamento ambíguo. Nos anos de 1921, com o artigo *O gênio do século*, publicado pela *Cigarra*, Sérgio Buarque apoia o movimento e celebra a vanguarda como útil meio de demolição dos preconceitos.⁵³ Essa adesão surge pelas aproximações das ideias de espontaneidade nacional e cultural com os conceitos de arte nacional que a vanguarda pregava em desenvolver. Assim, para o autor paulista, seria possível uma iluminação da cultura brasileira com elementos de várias representatividades nacionais. O próprio Holanda afirma: “se a tendência modernista pode oferecer o aspecto de um rompimento com a continuidade de nossa tradição, é exatamente porque julga que essa tradição quase nunca refletiu o sentido da nacionalidade”.⁵⁴

Mas divergências entre o intelectual paulista e o Modernismo também fizeram parte do cenário literário, como observa João Eugênio. Isso ocorre depois de Sérgio Buarque criticar os modernistas no artigo *O lado oposto e os outros lados*, publicado pela *Revista do Brasil* (1926). Para o autor, a vanguarda consolidava a arte nacional e por meio dela derrubava preconceitos embutidos na sociedade. Mas não imaginava que os intelectuais modernos pudessem idealizar a “construção” da arte brasileira. Segundo o historiador Kennedy: “Sérgio acreditava, ao contrário, que essa arte não poderia ser definida por um punhado de homens “sábios”, de forma racionalista e a distância do pulso da nação”. Logo, essa “construção” era contraditória às formas espontâneas de manifestações culturais orgânicas. Desse modo, rompia com intelectuais mais radicais que dispunham a inventar um novo Brasil, como Mário e Oswald de Andrade.⁵⁵ Para Maria Odila Dias, os modernistas negavam a história ao reinventar a nacionalidade brasileira. E Sérgio Buarque de Holanda não concordava com essa ideia, pois acreditava

⁵³ Idem, op. Cit., p. 435.

⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Org F. A. Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 70.

⁵⁵ EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: *monarquista, modernista, romântico* (1920-1935). In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 448.

que uma cultura nacional não surgia por mera vontade ideológica e sim pela espontaneidade cultural.⁵⁶

Além das críticas aos processos culturais que o Brasil passava naquele momento, Holanda utiliza em alguns artigos referenciais do período monárquico para tecer críticas à república. O autor exaltava a monarquia e desqualificava a república, ressaltando que a mesma se deixava enredar por ilusões, como o pan-americano, que resultam do hábito de imitar o estrangeiro que botou abaixo “o regime ao qual devemos setenta anos de prosperidade”.⁵⁷ De fato, essa “imitação” era uma das características de idealização do progresso na república, pois o objetivo era alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia europeia, onde “nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa”, como afirma Nicolau Sevcenko.⁵⁸

Embora Sérgio Buarque valorize a monarquia e criticasse a república, é necessário acentuar que não se pode reduzir uma determinada época em sua totalidade, no qual se observa suas falhas e suas contribuições para o processo histórico da sociedade, como acentua João Eugênio. É importante lembrar que o próprio autor em maior maturidade reconhece seu equívoco e prefere se distanciar de seus primeiros textos.⁵⁹ Sérgio Buarque de Holanda se torna um “antitradicionalista”, aquele que propõe que se busque a “originalidade literária”, expressão do “espírito de um povo”, asseverando que “a inspiração em assuntos nacionais, o respeito das nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça aceleraram esse resultado final”, como o próprio autor afirma.⁶⁰

É importante observar como a criatividade do autor apareceu antes do livro inaugural. Seus textos e artigos apresentavam prévias do que chegaria à obra. Como

⁵⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, P. 319.

⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O espírito e a letra**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 42-43.

⁵⁸ SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 41.

⁵⁹ EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 434.

⁶⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. **O espírito e a letra**, vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 41.

destaca João Eugênio: “As raízes de Sérgio, portanto, estão nele próprio e no incessante debate intelectual sobre o Brasil”. Diante do exposto, é necessário resgatar também a originalidade de sua obra.⁶¹

Originalidades em Raízes do Brasil: História e escrita

Sérgio Buarque procura uma interpretação nacional, mas não se compõe de um processo descritivo e sim de observações críticas ligando conjunturas diferentes, referenciando um país multifacetado e não um país padronizado culturalmente, ou seja, em seus relatos mostra-se um legítimo “antitradicionalista”. Como exemplifica a historiadora Maria Odila Dias:

Sérgio Buarque de Holanda interpretava a construção do Estado-nação como um processo histórico do mundo moderno colado a múltiplas e diferenciadas temporalidades e relativo à singularidade de processos individuais de diferentes povos, um vir-a-ser no tempo. Em sua perspectiva, desconhecer a singularidade do processo histórico era negar a vida.⁶²

Essa forma particular que Holanda procurou averiguar ao país conectando fatos passados com o seu contexto, certamente uma das características que tornaram sua escrita ousada. Conseqüentemente, investe esse mecanismo em *Raízes do Brasil* (1936). Arno Wehling exemplifica esse traço ao destacar a importância atribuída por Holanda ao presente para “iluminar o passado” e vice-versa, sublinhando outra frase do autor nos anos 70: o historiador distinguir-se-ai do antiquário, pois “escrever história é ter uma visão dialética do passado e, eventualmente, de suas conseqüências no presente”.⁶³

O historiador Edgar Salvadori de Decca faz alusões sobre esse processo empreendido em *Raízes do Brasil* com uma significação metafórica, produzindo exemplificações do valor que da metodologia de Holanda e sua excentricidade. Diferente de Arno Wehling que investigou esse argumento pelos fundamentos

⁶¹ EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: *monarquista, modernista, romântico* (1920-1935). In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP/ Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 455.

⁶² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 320.

⁶³ WEHLING, Arno. Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 389.

hermenêuticos, Edgar S. de Decca procede uma indagação com metáforas para ilustrar a ponderação do passado com o presente na obra. Assim, *Raízes do Brasil* é um permanente atravessar de fronteiras, de percursos de caminhos e de estradas móveis, uma ponte entre a tradição e a vontade de devir e de mudanças. Essas metáforas faziam parte da história e Holanda procurava construir uma *ponte* entre tradição e o devir, entre o passado e o presente, entre vida e a história, argumenta Edgar Decca.⁶⁴

Identificando como esse artifício foi aplicado na construção do seu primeiro livro, examinou características da sociedade colonial e utilizou-as fazendo correlações com a década de 1930. Holanda alude ao fim da tradição colonial de raiz portuguesa, ferida de morte pela abolição, ele desloca o foco de interesse do passado para o Brasil de seu tempo, marcado pela urbanização que dissolve os valores e os hábitos rurais próprios da tradição colonial, destaca Antônio Candido. Nesse sentido, quando Sérgio Buarque de Holanda conduziu esse jogo de comparação é possível observarmos como o entendimento social do Brasil associa-se em grande abrangência, por questões políticas e estruturais com governos déspotas, mantendo o velho sistema oligárquico de predominância rural, modernizando-se apenas a partir do mimetismo estrangeiro.⁶⁵

Assim, como no sistema colonial que promoveu um aparelho colapsado movido de interesses próprios por aqueles que eram os detentores do poder ou os chamados puros de sangue, o contexto dos 1930 propôs uma sucessiva hierarquização de poder centrada na manutenção desses mesmos interesses. Através dessa análise percebemos como esses mecanismos provindos de imposições autoritárias provocaram danos ao desenvolvimento social do país, pois diversos núcleos populacionais foram sujeitos a inúmeras imposições, para que grupos elitistas atingissem os seus próprios interesses.⁶⁶

Esse apontamento é fundamental para a função de historiador. Sua contribuição permite ampliar os horizontes do modo de escrever história, cercada de conectividades, interpretações, comparações, críticas e aberturas para o posicionamento de opiniões, ou seja, estudar o passado para compreender o presente de forma abrangente e coerente.

⁶⁴ DECCA, Edgar Salvadori de. Decifra-me ou te devoro: as metáforas de em *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 212.

⁶⁵ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 32.

⁶⁶ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 32.

Por essa razão seus textos não transformam meras conjecturas em certezas rígidas, inabaláveis, agressivas, que segundo ele distinguiram as certezas típicas “dos gramáticos”. E por meio desse estudo é concebível ver a formação do país e conseqüentemente perceber as rupturas e permanências em nossa sociedade atual.⁶⁷

Raízes do Brasil não é um manual de como devemos fazer história ou como devemos ser historiadores, apesar dessa leitura também ser possível. Abre uma forma didática cercada de conexões entre o passado, o presente e o futuro. A ligação é fundamental não apenas para conhecermos nossas raízes e nossa formação enquanto nação, mas é essencial porque a história é múltipla e nos permite ampliar nosso horizonte sobre a realidade fazendo um exame conectado e crítico. O livro foi lançado no contexto do Estado Novo de Getúlio Vargas que, como vimos, foi um governo autoritário e uma política voltada para o nacionalismo. Era uma nacionalização tanto em questões políticas como na arte. Nesse período, o rádio foi essencial para essa nacionalização, com grande difusão na década de 30, servindo como um instrumento de grande eficácia, levando informações para todos os cantos do país.

Desse modo, a obra surge com um pensamento intenso sobre temas que figuram na composição da nacionalidade brasileira. A fundamentação colocada por Holanda enobrece setores de ampla significação e representação cultural, desmistificando pontos de regressão social. Para Maria Odila Dias, em *Raízes do Brasil* Holanda inaugurou um estilo ensaístico de expressividade literária essencialmente interpretativo do processo de nossas formações sociais, renegando determinismos aceitos por intelectuais como Sílvio Romero ou Euclides da Cunha.⁶⁸ Eduardo Augusto Santos Silva reforça essa análise e exemplifica dizendo que Holanda apresentou uma concepção libertária, pois enquanto muitos intérpretes do Brasil ainda se preocupavam com aspectos biológicos e evolucionistas, o autor paulista por influência do Historismo negou essa visão de etapas do progresso civilizatório humano e analisou a sociedade brasileira a partir do relativismo cultural.⁶⁹

⁶⁷ CAVALCANTE, Berenice. História e Modernismo: herança cultural e civilização nos trópicos. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 140.

⁶⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 323.

⁶⁹ SILVA, Eduardo Augusto Santos. A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira a partir do livro *Raízes Do Brasil*. **Boletim Historiar**, n. 12, nov. /dez. 2015. p. 68.

Por meio desses pareceres, esse aspecto marca outro ponto da originalidade do autor, não só pela forma como rompeu com a antiga geração de intérpretes e como abrangeu os estudos historiográficos. Mas, por outro lado, pela maneira exclusiva de perceber, em um contexto que predominava conceitos de mudanças, com transformações políticas, estruturais e intelectuais em abrangência e mesmo assim, a sociedade persistia com o tradicionalismo arraigado e com apelo às instituições nacionais. Seria como se estivessem mudando superficialmente e perpetuando as mentalidades carregadas de tradições autoritárias.

E essa forma como Holanda observou a sua sociedade é destacada amplamente por autores que estudam suas representações intelectuais e a consolida como um fator de grande relevância para entender a sociedade nacional. A distinção interpretativa não surgiu do nada, essa atribuição teve influência de “João Batista Vico, com seu tratado *Scienza Nuova*, de 1744, sobre o processo de formação e sua trajetória cíclica de apogeu e decadência”, afirma Maria Odila Dias.⁷⁰ Arno Wehling também exemplifica esse apontamento da influência de Vico,⁷¹ do qual o homem não poderia reter os seus horizontes a uma mera redução científica, mas sim ampliar em larga contingência, propondo abertura às efetivas criações – a língua, a arte, o direito, numa palavra, à cultura no que esta possui de radicalmente humana, independente da “natureza”.⁷²

Assim, a vertente interpretativa de Holanda modulou-se sobre os conceitos de Vico com os *corsi* e *ricorsi* do processo histórico. O movimento dialético da consciência histórica em suas oposições e permanências, entre experiência do passado, do presente e do futuro e o modo imaginoso com que Vico interpretava os movimentos cíclicos da cultura e da política na formação das nações repercutiram em *Raízes do Brasil* e outras obras como *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visões do Paraíso* (1958), afirma Maria Odila Dias.⁷³

⁷⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro / Ed. UERJ, 2008. p. 324.

⁷¹ João Batista Vico (1668-1744). Foi educado num colégio dirigido pelos jesuítas, mas não seguiu no ensino religioso. Estudou filosofia, linguística e jurisprudência. A Ciência Nova de Vico era de fato a aplicação dos princípios científicos positivos de Francis Bacon aos fenômenos da sociedade Humana. Vico contribuiu para se pensar o papel que a religião e os muitos primitivos exerceriam na formação da cultura e das civilizações.

⁷² WEHLING, Arno. Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 389.

Sobre sua escrita interpretativa é possível percebermos que figuram métodos em seu estilo. Assim, é necessário reparar como a utilização dos métodos não são artifícios naturais, e sim de uma disposição de espírito, principalmente tratando da forma crítica, dentro do campo da história. O historiador francês Antoine Prost expõe que o método crítico consiste em educar o olhar do historiador em relação a suas fontes; mostrando, dessa forma como a crítica não surge de movimentos espontâneos, mas de processos árduos sobre a investigação das fontes e levantamentos de questionamentos, no mínimo duvidosos para a história. E no estudo dos caracteres originais do autor, vemos que há uma preocupação metódica no estudo das fontes e por meio delas, explora os seus aspectos, empreendendo sinuosamente, através de suas práticas interpretativas.⁷⁴

A fortuna crítica apresentada por *Raízes do Brasil* vai além da compreensão de um método interpretativo. João Kennedy Eugênio entende que esse fato revela um organicismo de contrastes dentro da obra com uma complexidade desconcertante para o seu entendimento, assim, sua leitura pode ser compreendida por ideias sociológicas, historicista e romântico.⁷⁵

Os contrastes do ensaio são oposições, mas não levam ao dualismo de exclusão: Sérgio não opta por um dos termos em detrimento do outro, nem há termo que represente só positividade ou só negatividade. Cada termo das oposições é considerado sob um duplo prisma. No pólo da espontaneidade, a plasticidade dos portugueses, por exemplo, é vista de forma positiva como recusa a reger o mundo por meio de regras e modelos, e de forma negativa por suas práticas predatórias. No pólo da racionalização, a impessoalidade é vista de forma positiva como condição para a constituição do espaço público, e de forma negativa por abafar o regime dos afetos, e escamotear o singular, a experiência e o concreto. O ensaio comporta os dois pólos e dupla perspectiva para cada um deles; a dualidade se mantém, mas Sérgio Buarque acolhe as duas dimensões, o que o distancia da perspectiva unilateral e da ausência de conflito buscada por progressistas e tradicionalistas.⁷⁶

⁷³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 325.

⁷⁴ PROST, Antonie. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 61-62.

⁷⁵ EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em *Raízes do Brasil* & *Caminhos e fronteiras***, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010. p. 21.

⁷⁶ Idem, op. Cit., p. 203 - 204.

João Kennedy Eugênio, assim como Antonio Candido, afirma que *Raízes do Brasil* é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana. João Kennedy Eugênio interpreta que esse jogo de contrastes, sem a escolha de um termo com a exclusão do outro, é a fonte da complexidade do ensaio e influenciou nas interpretações que dele foram feitas.⁷⁷

Segundo Arno Wehling, pode-se considerar, que a obra historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda se caracterizou pelo uso intensivo de procedimentos hermenêuticos, a partir de um conhecimento profundo das fontes e da inserção dos dados assim obtidos em significado mais amplo. Uso intensivo, mas também extensivo: esses procedimentos se estenderam *de Raízes do Brasil a Do Império à República*.⁷⁸

Outro método inovador importante foi a forma analítica abordada pela utilização das ciências sociais na história no equacionamento de problemas. Holanda também usou essa mecanização na interpretação do país em *Raízes do Brasil*. Marlúcia Ferreira Nunes observa como os métodos que compõem o livro renovam a historiografia e impulsionam o historiador a explorar parâmetros diversificados dentro dos conceitos de fazer História. Observamos que sua maior ingerência para o desenvolvimento desse argumento consiste nas teorias alemãs do marxismo, ou hegeliano e Simmel. “Sua obra sustenta-se num arsenal teórico diverso: a Nova História Social dos franceses, a Sociologia da Cultura dos alemães, além de conter elementos da teoria Sociológica e Etnológica, inéditos no Brasil”.⁷⁹

O livro compõe-se uma estrutura linear no sentido contemporâneo da colonização até 1930, década da publicação, distribuídos em sete capítulos, no qual em alguns desses capítulos apresenta-se “pares opostos e em antagonismo uns com outros, formando tipologias antitéticas”, como destaca Eduardo Guimarães. Lembrando que esse pensamento tem associação com as ideias de Max Weber sobre os “tipos ideais”.⁸⁰

⁷⁷ Idem, op. Cit., p. 37.

⁷⁸ WEHLING, Arno. Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 394.

⁷⁹ NUNES, Marlúcia Ferreira. Sérgio Buarque de Holanda: Um apanhado Historiográfico Sérgio Buarque de Holanda: A Historiographical overview. Revista Expedições: **Teoria da História & Historiografia** **Ano 1**, N.2, p. 151-158, Julho 2001. p. 152-153.

O primeiro ensaio *Fronteiras da Europa*, apresenta o conceito chave do livro à herança cultural ibérica, em específico os portugueses, “a colonização dos trópicos e, em especial, da América lusa, é vista como uma tentativa portuguesa de implantação de sua cultura”.⁸⁰ O segundo capítulo, *Trabalho e Aventura*, faz uma introdução do aspecto trabalho e aventura em um comparativo entre portugueses e espanhóis, e é nesse capítulo que apresenta os principais eixos das escolas alemãs. “Ela aparece sob a forma dos tipos ideais, cuja inspiração remonta às leituras que ele realizou quando de sua estada na Alemanha entre 1929-30 ao travar contato com as obras de Max Weber”.⁸² O texto se sustenta também sobre o formato de pares opostos como Ibéria *versus* Europa, Portugal *versus* Espanha, Trabalho *versus* Aventura, vislumbrando as ideias hegelianas. A partir desse ensaio, no terceiro, o quarto e o quinto capítulo, Holanda faz uma análise observando consolidações de raízes ibéricas no país.

O terceiro ensaio, intitulado, *Herança Rural*, é uma crítica sobre a predominância da escravidão no setor rural e pela forma prolongada como ela se desenvolveu mesmo após a abolição de 1888. No quarto capítulo, com o tema *O passado agrário (continuação)*, e nas edições seguintes nomeado como *O Semeador e o Ladrilhador* faz-se um aparato pela forma como as cidades foram elaborando-se e novamente simula uma distinção comparativa entre portugueses e espanhóis.

O quinto capítulo, *O Homem Cordial*, consiste no tema mais polêmico do livro e o que mais chama atenção do leitor. O tema da cordialidade é utilizado por Holanda metaforicamente, nesse sentido, destaca como a cordialidade é definida como um sistema de interesses próprios que se move do privado e invade o setor público proporcionando um sistema colapsado com manobras corruptas, tornado se uma mazela para o desenvolvimento nacional. Este tema será aprofundado de forma mais detalhada no capítulo seguinte.

⁸⁰ GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012 p. 29.

⁸¹ CAVALCANTE, Berenice. **História e modernismo: herança cultural e civilização nos trópicos**. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (Orgs.) **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 142.

⁸² FURTADO, André Carlos. Raízes do Brasil e Sérgio Buarque de Holanda: Relação simbiótica entre a obra e o intelectual, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, p. 1-17, julho 2011. p. 6.

Já no sexto ensaio *Novos Tempos*, Holanda passa a analisar sua sociedade e como os estigmas que foram criados sobre convenções ibéricas nas integrações sociais foram renovados pela modernidade. E por fim, no tópico *Nossa Revolução*, aborda o que seria o caminho para a integração de uma sociedade brasileira e autêntica. Sobre o contexto da urbanização e com a entrada de imigrantes, pensava-se que em *Nossa Revolução* esses elementos ajudariam a minimizar governos autoritários que conservava o direito e privilégio.

Desse modo, a originalidade de Sérgio Buarque de Holanda aparece nos seus primeiros textos, no qual simpatizava com as concepções iniciais dos modernistas, mas diante de divergências de ideias rompeu com a vanguarda. Lança *Raízes do Brasil* em um contexto intenso, com cenário político marcado pela revolução de 1930 e incentivos voltados para a nacionalização em aspectos políticos e intelectuais. No contexto internacional vigorava em vários países o fascismo, do qual Holanda não tinha afeto, sistema que teve sua influência no Brasil com o golpe de Getúlio Vargas em 1937. Sérgio Buarque de Holanda inova com a utilização de métodos críticos resultante de suas referências alemãs, demarcando o rompimento com a historiografia regressista anterior aos anos 30, junto com Gilberto Freyre e Caio Prado. Holanda buscou conectividade entre o *passado* e *presente*, inserção de críticas às continuidades patriarcais na sociedade contemporânea e o reconhecimento de uma autenticidade cultural sem importações.

CAPÍTULO III

O “homem cordial” incompreendido

O poder explicativo que *Raízes do Brasil* apresenta pode levar a compreender o sentido de uma época como a nossa. Pedro Meira Monteiro destaca que as discussões sobre temas identitários oscilam entre a negação sistemática do discurso nacional e o constante ressurgimento de esperança e medos coletivos. No Brasil, a obra é muitas vezes evocada como uma das mais importantes matrizes de interpretação de “nossa realidade”, seja porque o ensaísmo de marca identitária ainda se faz presente, seja porque o homem cordial é uma marca evidente da nossa sociedade.⁸³

Seus temas dialogam inegavelmente com nossa sociedade, do qual o cenário mudou desde o contexto de sua escrita, mas os instrumentos de interpretação ainda são muito atuais. *Raízes do Brasil* teve seus temas apresentados em 1936, mas as sucessivas edições ao longo dos anos acompanhou também a atualidade de temas centrais para o Brasil. Há um conjunto de variados temas que são importantes como a formação nacional por uma mescla cultural ou o legado colonial para o desenvolvimento do país. A afirmativa: “A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”, escrita por Holanda⁸⁴ ocasionou, assim como o conceito de cordialidade, um mal entendido que, ao longo das edições seguintes de *Raízes do Brasil*, o autor paulista foi alterando para reverter a má recepção da ideia.

Segundo Lilian Moritz Schwarcz, esse ponto ocasionou grande problema ao texto, pois essa frase poderia ser apropriada ao movimento totalitarista, que estava presente no país nesse período com o Estado Novo (1937). Essa não era a intenção do autor, pois não tinha nenhuma simpatia por governos autoritários. A frase sobre a democracia tratada por Holanda pode ser interpretada no sentido do mimetismo, onde os brasileiros buscam conceitos e soluções que outros países introduziram em sua sociedade para resolver seus problemas, que por sinal são diferentes dos nossos e introduzem em nossa sociedade de forma desterrada. Dessa forma, importamos

⁸³ MONTEIRO, Pedro Meira. **Signo e desterro**: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo, Hucitec e galáxia, 2016.

⁸⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 160.

teoricamente o conceito de democracia do exterior, mas não utilizamos de forma concreta e sim de modo superficial na sociedade brasileira.⁸⁵

Entretanto, há outros temas que foram incompreendidos na sua obra. Vou chamar atenção apenas para o quinto capítulo do livro, onde abordou o tema *Homem Cordial*. A partir desse ponto investimos na forma como esse assunto pode ser interpretado no pensamento social brasileiro. Esse tema é comumente apresentando de forma duplicada do ponto de vista semântico, originando problemas de interpretação da identidade brasileira. Predomina no senso comum a ideia de que o homem cordial significa uma metáfora de uma sociedade pacífica, quando na verdade a fórmula é muito mais complexa e adquire outro significado que se afasta dessa visão simplista.

Assim, o conceito desenvolvido no livro abre caminho para duas discussões. Primeiro, é preciso destacar que o conceito é fundamentado em características da cultura ibérica, esta recebe o protagonismo da nossa matriz ibérica, predominante no Brasil. Como vimos, durante muitos anos de escrita da história, os nativos e negros escravizados não fazem parte dessa fórmula explicativa. A segunda questão, consequência da primeira, se refere ao tema da democracia no país que ainda apresenta bases frágeis, já que o sistema não consegue promover uma inclusão para todos.

Sobre *o homem cordial* uma variedade de interpretações e suposições surgiram sobre o tema. A cordialidade chama atenção por apresentar interpretações diferentes para a sociedade brasileira. No primeiro momento, destacamos o sentido conceitual da palavra e no segundo momento discutimos a atribuição metafórica revertida na cordialidade. Assim, observamos a forma como o conceito foi desenvolvido e como impacta a sociedade.

Primeiramente analisamos a perspectiva que a cordialidade representou na edição inaugural, que foi entendida a partir do seu sentido literal da palavra, conforme apresentaram Ribeiro Couto e Cassiano Ricardo. Segundo os autores, muitos na atualidade entenderam o significado atribuído ao *homem cordial* como qualidades positivas, de proximidade com o outro, seria um aparato minimizador de conflitos. A primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936), dizia a seguinte afirmativa: “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de

⁸⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Introdução. In: **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam”. Nas edições seguintes o autor buscou esclarecer que estava tratando da cordialidade não na forma literal, mas no sentido crítico entre as relações que envolviam as esferas públicas e privadas.

Podemos observar que essa imagem do brasileiro cordial, amigável, com relações acaloradas pode ser vista facilmente, pois houve uma projeção construída sobre o seu imaginário no contexto da escrita e formulação do conceito. Pedro Monteiro Meira destaca como “desde os românticos, no século XIX, até algumas das chamadas interpretações “modernistas” do Brasil, a chave explicativa se encontrava em questões como a felicidade ou a tristeza”. Então, sobre o Brasil cabia à missão de guardar a felicidade do mundo, ou mostrar a construção melancólica para a ideia de civilização. É possível identificar como a questão da felicidade se sobrepôs no imaginário popular brasileiro, induzindo uma visão respectivamente acalorada.⁸⁶

Durante o Estado Novo (1934-1946), como vimos, houve abertamente a composição do imaginário nacional perante o mundo. Para o Brasil era importante passar uma boa imagem do país como forma de atrair boas transações financeiras e adquirir lucros. Essa comunidade imaginária não surge aleatoriamente, mas por uma construção de símbolos que foram elaborados para representar uma identidade nacional. Anne Marie Thiesse informa que existe uma “check list” nessa construção representada em símbolos, uma série de heróis modelos dos valores nacionais, uma língua, folclore, costumes, lugares memoráveis, culinária e animais que marcam as características da nação.⁸⁷

Um exemplo marcante dessa estrutura simbólica que singulariza o Brasil desse tempo, foi o de Carmen Miranda. Na década de 1930, a cantora foi a maior vendedora de discos do Brasil. Assim, ela foi caracterizada com elementos típicos da cultura baiana, trazendo a representação de uma cultura alegre, com vestimentas coloridas e dança cativante. A escolha do perfil baiano foi simbolicamente planejada, sua figura propôs a anunciar um país com características diversificadas e o mais importante era

⁸⁶ MONTEIRO, Pedro Meira. Da cordialidade à *brega*: o veneno-remédio das culturas periféricas em Sérgio Buarque de Holanda, José Miguel Wisnik e Arcadio Díaz-Quñones. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 19 n. 2, dez. 2017, p. 307.

⁸⁷ THIESSE, Anne-Marie. “Ficções criadoras: as identidades nacionais”. **Anos 90**, Porto Alegre. UFRGS, n. 15, 2002. p. 8-9.

apresentar seu semblante harmonioso. Ela retratava a mulher negra e a branca juntas sobre a representação do pano da costa, lembrando a herança vinda da África, o Bonfim, que recordava o Candomblé logo após o rosário de ouro, que saudava a Igreja Católica. Dessa forma, repassava a ideia de uma nação harmônica, onde as camadas populares e as elites viviam pacificamente.⁸⁸

Desse posicionamento, identificamos como a cordialidade imposta sobre a população brasileira foi duramente trabalhada para passar a ideia de apaziguamento. Sua naturalização foi fundada a partir de estereótipos ligados a temas aconchegantes que chamaram a atenção do mundo. Na identidade produzida para a figura de Carmen Miranda, vemos que essa carga foi construída intencionalmente para ilustrar o Brasil alegre, unido, atraente e pacífico.

No cenário mundial, quando retratado em questões culturais que representaram essa composição estereotipada, a primeira imagem que assimiliam do Brasil é o país do futebol, do carnaval e o samba radiante com a alegria contagiante. Trata-se de representações culturais que foram adaptadas para propor essa imagem, visto que eram dois eventos nacionais. Lilia M. Schwarcz destaca que na propaganda e nos discursos que vêm do exterior o país é ainda entendido como um local hospitaleiro e de valores exóticos. Aqui se pode encontrar uma espécie de “nativo universal”, já que no Brasil se encontraria uma diversidade de povos “estranhos” de todos os lugares.⁸⁹

Nesse sentido, a cordialidade pode ser vista entre os sujeitos nessa sociedade alegre e simpatizante, onde se desenvolve com o próximo laços amigáveis e dóceis. Essa minimização de conflitos podemos observar também em *Casa grande e Senzala*. Freyre romantizou as relações sociais, com a defesa da atração recíproca entre homens brancos e mulheres negras, afirmando uma escravidão doce. O escravizado fazia parte da família estendida, sem qualquer narrativa de violência e hierarquização. O colono é ausente de “orgulho de raça” ou “preconceito de cor”.⁹⁰

⁸⁸ KERBER, Alessander. Relações entre o regional e o nacional na música popular do Brasil e da Argentina nos anos 1920 e 1930: uma análise da obra de Carlos Gardel e de Carmen Miranda. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; MEDEIROS, Hermano Carvalho (orgs.). **História e música popular**. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 67.

⁸⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Introdução. In: **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

⁹⁰ RAMATIS, Jacinto. Que morra o “Homem Cordial” – crítica ao livro Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. Sankofa: **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano X**, n. XIX, agosto, 2017. 46.

Essa cordialidade mal interpretada, juntamente com a ideia de democracia racial, conferiu características apaziguadoras na história do Brasil. Contudo, a historiografia tem avançado nessa problemática e tem mostrado relações estreitas de imposições, torturas e intolerância. Principalmente ao olhar para a história da escravidão e a violência contra os povos nativos que vigou por séculos no país.

Lilia Moritz Schwarcz exemplifica que, essa mistura de cores e costumes que fazem parte do país se consolidou por meio de práticas violentas, da entrada forçada de povos, culturas e experiências na realidade nacional. Diferente da visão harmoniosa, por aqui a mistura foi em decorrência de mecanismos arbitrários. Essa mescla é resultado da compra de africanos, que vieram para o Brasil obrigados, onde foram recebidos 40% dos africanos para o trabalho escravizado nas colônias agrícolas da América portuguesa. As populações nativas também padeceram dessa arbitrariedade, estima-se que em 1500 a população nativa beirava em torno 1 a 8 milhões, e que o “encontro” com os europeus teria dizimado entre 25% e 95% desses povos nativos. Esses episódios precisam ser lembrados para compreendermos como a cordialidade pacifista pode esconder essa obscuridade que esses povos sofreram e apresentar uma história sem conflitos.⁹¹

Mas o conceito de “Homem cordial” tem outro lado. Nesse segundo momento exploramos o conceito da cordialidade em seu sentido figurado. Essa concepção sem sombra de dúvida é a que mais chama atenção nos estudos destinados a *Raízes do Brasil*. O conceito teve influência da tipologia Weberiana para o desenvolvimento da cordialidade, pois segundo Weber as relações burocráticas deveriam excluir qualquer determinação pessoal. Assim, Ricardo Luiz de Souza destaca como a cordialidade é pensada pela forma com a autoridade estatal não consegue manter o monopólio legítimo da autoridade, que se estende pela sociedade. Dessa forma, a cordialidade brasileira referida por Holanda não é apontada como a ideia de bondade e sim que o *Homem Cordial* contrapõe a ordem pública e recusa o formalismo, fundamentando uma relação intimidade que prioriza o contato pessoal.⁹²

⁹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Introdução. In: **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

⁹² SOUZA, Ricardo Luiz de. **As Raízes e o futuro do “Homem Cordial” segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792007000200011&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em 01 de Mai. de 2021.

Diferente da definição formal do conceito que abrange uma explicação mais ampla da sociedade brasileira com a característica do acolhimento externado para o mundo. A metáfora proposta por Holanda é uma idealização mais internalizada do sujeito, o homem cordial desenvolve uma afeição nas relações políticas e públicas. A cordialidade perde seu encantamento apaziguador e passava a vigorar sobre a máscara da cobiça e do individualismo. O personalismo seria a herança por nós herdada pelos portugueses que Holanda aborda em várias partes da obra *Raízes do Brasil*, mas tomando aqui o capítulo *O homem Cordial* seria o homem que se adapta às relações que trata tudo e todos com certa “cordialidade” e que tem a necessidade de tratar os outros com intimidade, gerando uma sociedade baseada na ideia de meritocracia e subversiva do setor público.

Holanda atentou para esse sistema interpessoal dentro do sistema público e exemplifica esse momento com a relação familiar, no qual o âmbito público era invadido pelas feições de parentela e se tornava um centro de interesses pessoais. Assim, a cordialidade marcava os parâmetros do favoritismo e do apadrinhamento político, no qual o mérito é colocado em segundo plano. Destaco aqui a fala do autor:

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde às instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas.⁹³

Essa fala, significativamente citada, representa o reflexo vivo do Brasil quando olhamos para as relações sociais e políticas, prevalecendo a dificuldade de separação entre o privado e público como característica principal.

⁹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 146.

Como vimos, o contexto de escrita do autor, ainda era latente o reflexo da política oligárquica com o trato da sistemática política centrada no interesse dos partidos. Essas ambições políticas constituem parte da nossa sociedade, onde partidos políticos articulam suas estratégias voltadas para seus próprios interesses, do que propor uma articulação política que ocasione uma integração social melhor para o bem comum, ou seja, para o setor público.

Dentro da composição da política brasileira a tradição da cordialidade, fundada no patriarcalismo e no sistema oligárquico, ainda se mantém consolidada e atuando no sistema público. Como Lilia Moritz Schwarcz destaca que o patrimonialismo se sobressai pela relação viciada que se estabelece entre a sociedade e o Estado, quando o bem público é apropriado privadamente, passando a utilizar interesses pessoais, destituídos de ética ou moral, por meio de mecanismos públicos. Assim, o interesse é o fator mais evidente nas características do homem cordial. E o capital financeiro abre o caminho para o aumento da corrupção e a cordialidade, pois se encontra como uma ferramenta forte que contribui com a regularização do sistema cordial. Como a lei é internalizada pelos sujeitos, os desejos aparecem em primeiro lugar e o capital financeiro favorece a dinâmica da cordialidade.⁹⁴

Nesse sentido, que a cordialidade perpassa do público para o privado sistematicamente, o eleitor se abre para receber todos os mimos que o político pode oferecer e esquece o principal, de ser democrático. E quando o sistema está colapsado simplesmente a culpa é do Estado e seus representantes corruptos. Nós somos muito corretos e democráticos, mas os outros, os políticos que votamos não são. Onde essa ideia é associada ao patrimonialismo de Max Weber, porque não há uma distinção clara entre o público e o privado e nessa perspectiva só existiria uma distinção correta se fizermos nossa parte e assumir nossa culpa, quando o Estado vai mal.⁹⁵

A cordialidade gera no sujeito dois pólos instintivos, de uma parte cria uma relação acalorada e por outra a agilidade para sobrepor as ambições. Essa ambivalência apresentada pelo “O homem cordial” é nomeada pelo crítico e músico José Miguel Wisnik como “veneno remédio” em seu diálogo com *Raízes do Brasil*. No livro *Veneno*

⁹⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Patrimonialismo. In: **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Patrimonialismo. In: **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Remédio: o futebol e o Brasil (2010) o autor levanta o assunto ao tratar sobre a *ordem* e a *desordem* no processo de formação do futebol brasileiro e sua influência na formação e consolidação da identidade nacional, socializando com as ideias de interpretação dos autores Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda.⁹⁶

Para a condição de *remédio* o homem cordial pode estabelecer laços mais próximos com seus compatriotas, menos cercado por regras frias da *pólis*. Já para a definição de *veneno*, essa mesma proximidade se converte em desvantagem, quando se pretende transformar a política no seu nível representativo, inundada de interesses próprios. As duas representações estão muito presente na sociedade é algo que se transformou em tradição no Brasil, faz parte do sistema cultural e político dos sujeitos. E, como fala Meira, “a cordialidade é tão boa quanto ruim”, nessa perspectiva ela compõe uma carga moral subjetiva no seu sentido, cabe ao indivíduo fazer suas próprias interpretações e decidir por qual significado vai utilizar.⁹⁷

A definição do *veneno remédio* de Wisnik é muito pertinente. Contextualizando com a atualidade, a metáfora do veneno aparece com um destaque mais acentuado em relação ao remédio. Seria como se veneno estivesse fazendo efeito rapidamente, sendo aplicado em dose dupla e a reação do remédio estivesse agindo em dose reduzida. Onde a condição do primeiro elemento atinge direta e indiretamente parcelas da sociedade, com esquemas imorais que a cordialidade se reveste inapropriadamente, porque na conotação do o *homem cordial* o sujeito flutua sobre a lei, age subversivamente contra as leis públicas e eleva seus interesses. Suas ambições são retratadas fluidamente, livres de qualquer impedimento na cultura política brasileira.⁹⁸

O homem cordial usa a cordialidade como um instrumento de manutenção dos seus desejos, no qual desperta a contrariedade do sentido original da palavra. Dessa forma, fica a responsabilidade individual do homem escolher e administrar por qual modelo vai seguir a cordialidade que diminui as relações frias do homem ou a cordialidade que aflora o interesse individualista.⁹⁹

⁹⁶ WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2010. p. 418.

⁹⁷ MONTEIRO, Pedro Meira. Da cordialidade à *brega*: o veneno-remédio das culturas periféricas em Sérgio Buarque de Holanda, José Miguel Wisnik e Arcadio Díaz-Quiñones. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 19 n. 2, dez. 2017. p. 307.

⁹⁸ WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

⁹⁹ Sobre o posicionamento da polaridade da cordialidade O homem cordial apresenta uma aproximação com algumas peculiaridades Do homem superior quando trata sobre as virtudes humanas em Assim falou

Nesse sentido, órgãos e instituições são criados com objetivo de arranjar cargos por apadrinhados políticos, com isso, surgem setores públicos com funções meramente simbólicas. Assim, há os que se gabam pelas suas ações que tecnicamente seriam para a sociedade, mas servem apenas para si, para fortalecer o sistema corrupto e favorecer os seus aliados. Sobre essas prerrogativas apresentadas, percebemos que a atuação das relações cordiais dentro do setor público ocasiona instabilidade dentro das instituições representativas que o Estado fornece, no sentido que estes órgãos deveriam estar bem constituídos para assegurar os interesses públicos dos cidadãos e garantir os direitos democráticos, através de um governo aberto e inclusivo para todos.

O mais interessante desse efeito reverso que a cordialidade cria é que com todos os problemas presente na composição estrutural do país, com a violência, o preconceito e a desigualdade social, a imagem que se tem é que somos cordiais. Lilia Moritz Schwarcz lembra que o brasileiro padece do bovarismo e infelizmente não reconhece sua realidade. Assim, o imaginário que se tem sobre o Brasil é uma ideia acaloradamente cordial, mas essa imagem é consideravelmente deturpada na prática, o que se tem em sua originalidade é uma multidão de sujeitos arrivistas que utilizam da cordialidade para sobrepor seus interesses. Assim, é preciso uma vigilância rigorosa contra essa má conduta que invade a máquina pública com uma relação paternalista de benefícios privados.¹⁰⁰

Ronaldo Vainfas esclarece que de nada valeram as notas explicativas de S. B. de Holanda para explicar que o conceito de cordialidade procurava demonstrar passionalismo, personalismo, irreverência em face de normas institucionais, nunca submissão. E ressalta que apenas em 1980 essa distorção começou a ser revista pelos estudiosos do autor paulista.¹⁰¹ E para os especialistas que buscam estudar *Raízes do Brasil*, uma tarefa é bastante evidente, que consiste em desfazer os maus entendidos que o livro proporcionou, assim como Sérgio Buarque de Holanda tentou fazer nas cinco

Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém do alemão Friedrich Nietzsche, um livro que fala sobre princípios morais e religiosos e nos faz pensar em que acreditar e como agir diante da sociedade. Nietzsche trata da dialética de questões boas e más, mostra como o sujeito carrega em suas virtudes condutas distintas do ser, que ora condizem com princípios morais considerados bons e outra parte extrapola nos desejos da ambição. NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**: Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia Das Letras, 2011.

¹⁰⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Introdução. In: **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

¹⁰¹ VAINFAS, Ronaldo. O Imbróglgio de *Raízes*: notas sobre a fortuna crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.36, n. 73, 2016.

edições que ele realizou. Em termos gerais vemos que essa é uma das características dos trabalhos sobre *Raízes do Brasil* junto com o diálogo da atualidade.

Entre esses temas a maior preocupação entre os historiadores se refere à cordialidade, por mais que o autor tenha explicado que a cordialidade não era um elogio, e sim um agravante, Holanda não conseguiu resolver a questão, o que realmente ficou foi à primeira visão sobre o assunto que somos predominantemente pacíficos. E com isso cabe aos historiadores que estudam *Raízes do Brasil* explicar que a cordialidade não era um elogio e sim uma ironia sobre as mazelas presentes na esfera pública e privada do Brasil.

Portanto, o que podemos compreender sobre os estudos que envolvem *Raízes do Brasil* é a sua significação para se pensar nossa formação e como podemos utilizar suas ideias para pensar nossos problemas instaurados em nosso contexto atual. As colocações referentes à cordialidade representam um olhar crítico para a composição da estrutura política brasileira com a agregação da corrupção, mostrando como esse hábito é expressivamente atuante no nosso cenário. A proposta da inclusão repercute um posicionamento social das nossas feridas expostas por séculos de injustiça “racial” do que poderia ter melhorado com a implantação da Democracia, que infelizmente não atendeu aos anseios de todos, permanecendo uma vasta onda de preconceito, violência e injustiça, entranhada no pensamento social do Brasil.

Raízes do Brasil e o pensamento social brasileiro

Até o momento foi destacado ao longo do trabalho como, dentro da historiografia brasileira, Sérgio Buarque de Holanda se tornou um dos autores mais discutidos, estudados e referenciados no pensamento social do país. O autor é lembrado por sua trajetória, por seu trabalho e livros com temas que procuravam analisar a sociedade desde o período colonial como da atualidade. Após 39 anos de sua morte, vemos que seus trabalhos, memória intelectual e temas inaugurados tem bastante influência no campo historiográfico.

Nos decênios que percorreram após a publicação de *Raízes do Brasil*, vigorou várias indagações sobre o livro, substanciando temas pragmáticos, influências metodológicas, originalidade historiográfica e debates políticos, sociais e modernos. Com tantas interpretações, acaba surgindo novas questões analíticas sobre a obra, são

tantos trabalhos, que é possível mapear por qual matriz ou conceito *Raízes do Brasil* é explicado.

Como relatamos, as décadas 30 foram marcadas por pesquisas de “explicações” do Brasil. Para concretizar essa ideia, autores formularam suas interpretações explorando o legado ibérico, como Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. Fernando Novais, Sérgio Buarque e muitos outros que influenciaram a forma de pensar o Brasil. O resgate dessa herança consiste na perpetuação de características coloniais durante a República Velha, como as oligarquias utilizavam de práticas autoritárias para almejem o poder e alcançar seus interesses. Reflexo de classes dominantes do tempo colonial, com governos despóticos à procura de poderes imediatos.¹⁰²

Nesse sentido, *Raízes do Brasil* compõe-se desse legado ibérico, com referencial crítico sobre a formação do Estado brasileiro. É o livro que mais chama atenção dos pesquisadores, dentro e fora do Brasil. É o livro mais célebre, mais lido, mais influente, gerando discussões nas áreas da História, Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Psicanálise etc, afirma João Kennedy Eugênio.¹⁰³

E na busca de identificar essas matrizes, conceitos ou visões que o clássico proporciona, identificamos uma dessas matrizes nas considerações de Antônio Candido, no texto *A visão Política de Sérgio Buarque de Holanda*. O escritor destaca como a obra representou uma forma de pensar o Brasil a partir de “uma solução de cunho democrático-popular, que lhe parece possível e está ligada a certos traços, dos quais destaco dois: (1) o fim da tradição colonial luso-brasileira (ou seja, a nossa fórmula originária) e (2) o advento das massas populares.”¹⁰⁴ A princípio apresentava-se, apenas como uma percepção de conceito político ou social, do qual Candido tecia sobre *Raízes do Brasil*, mas apropriadamente João Kennedy Eugênio intitula e classifica essa percepção política como *matriz sociológica*. Da qual, esclarece a narrativa do processo de superação do legado ibérico, pois o legado colonial é visto como obstáculo à modernização da sociedade, à construção do espaço público, da cidadania e da lógica de interesses sob o capital, sobre esse sentido a matriz sociológica é desenvolvida.¹⁰⁵

¹⁰² Dias, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro / Ed. UERJ, 2008. p. 322.

¹⁰³ EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo:** o organicismo em *Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010. p. 36.

¹⁰⁴ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 32.

Sobre esse apontamento de matriz sociológica de temática ibérica, consolidada por Candido, um dos expoentes que mais chama atenção da obra. O tema é tratado como empecilho para o desenvolvimento do país e da necessidade de despertar a iniciativa das massas populares, são questões que ligam atividades voltadas para o seio social no país. A partir dessa perspectiva entendemos que o livro dialoga diretamente com problemas políticos e sociais que fazem parte da sociedade brasileira, pois é possível compreender como a estrutura política do país enfrenta diversos problemas de corrupções ligados à ideia de cordialidade que conseqüentemente causa transtornos para o desenvolvimento de medidas sociais para melhorias para a sociedade.

Lembrando que hoje é impensável a compreensão e a discussão do livro sem o prefácio de Antonio Candido, escrito em 1967 e acrescido de um post-scriptum em 1986. A interpretação que Candido atribui a *Raízes do Brasil* foi importante para que novos olhares surgissem para entender a formação ou aspectos marcantes de nosso país a partir da obra. Dessa forma, em diálogo com o posicionamento político e social, Pedro M. Meira observa que a cordialidade é uma engenhosa fórmula para a compreensão da formação do pensamento político e social brasileiro: uma ferramenta intelectual, ficção capaz de recordar que o presente republicano ainda não soltou completamente as amarras que o prendem ao passado colonial.¹⁰⁶

Outra visão que surge da obra é pela concepção de Maria Odila Leite da Silva Dias, em *Negação das Negações*. Como o título bem sugere, é uma produção que representa aspectos negativos sobre a nossa sociedade, onde *Raízes do Brasil* é um exercício de negação das negações, pois em vez de chegar a uma síntese, os antagonismos redundam em impasse.¹⁰⁷ Essa negação consiste pela análise empreendida das instaurações contemporâneas ao lançamento do livro, expondo as interlocuções intrincadas dentro do Estado e do poder das elites atuantes. Holanda, por meio da herança ibérica, filtra práticas consideradas retrógradas para pensar um país moderno, em vias de urbanização, cultura e sociedade.

De um lado, a hipertrofia do Estado e do poder das elites dirigentes divorciados da realidade brasileira. De outro, uma sociedade dividida em pluralismos raciais e sociais que não chegariam a viver plenamente e expressão ou as tensões de suas contradições. Eram os sintomas da

¹⁰⁵ Idem, op. Cit., p. 38.

¹⁰⁶ MONTEIRO, Pedro Meira. **Signo e desterro**: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo, Hucitec e galáxia, 2016.

¹⁰⁷ Dias, Maria Odila Leite da Silva. *Negação das negações*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda**: Perspectivas. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 322.

existência de um profundo abismo entre sociedade e Estado, fenômeno a seu ver bem característico da sociedade brasileira.¹⁰⁸

No livro, o conceito de “negação” apresentado por Maria Odila Leite da Silva Dias, além de crítico, mostra o Brasil no contexto de 30, cercado de mazelas, enraizado de preconceito. Se observarmos, *Raízes do Brasil*, por esse olhar, vemos uma das obras mais conhecidas e interpretadas do Brasil, composta por estudo negativo da sociedade. O referencial mais conhecido desse aspecto consiste na ironia investida ao “homem cordial”, não o sujeito simpatizante, mas o sujeito “do uso costumeiro, de facções familiares e de particularismos dificultava a consolidação do Estado e do domínio de leis gerais”. O fato, é que para a historiografia brasileira as críticas do intelectual foram importantes para alertar sobre as mazelas arraigadas no seu contexto, mas os particularismos não se extinguiram e continuam reverberando a sociedade. Encaixando *Raízes do Brasil* em nossa atualidade, a perspectiva da “negação” proposta por Dias, seria a temática mais introspectiva para a análise do Brasil. No qual, o paternalismo característico das relações familiares invade o Estado recorrentemente.¹⁰⁹

E com referência a esse conceito destinado sobre o ensaio buarqueano, Eugênio ilustra a *matriz identitária*, que “se baseia no exame das obscuridades de *Raízes do Brasil* e as suas afinidades declaradas de Sérgio Buarque com o historicismo alemão, avesso à generalização”. São matrizes intituladas de argumentações críticas, das quais Eugênio desenvolve sobre textos que buscam explicar os estilos analíticos voltados para o livro.¹¹⁰

Continuando a investigação sobre os conceitos refletidos da obra, apresenta-se a visão das metáforas, consiste em avaliações ligadas a estruturação do livro, distribuídos nos capítulos, destacam-se dois participantes dessa linha de pensamento: Roberto Vecchi¹¹¹ e Edgar salvadori de Decca.¹¹² O primeiro destaca como o sistema metafórico

¹⁰⁸ Idem, op. Cit., p. 322-323.

¹⁰⁹ Idem, op. Cit., p. 330.

¹¹⁰ EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em *Raízes do Brasil* & *Caminhos e fronteiras***, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010. p. 46.

¹¹¹ VECCHI, Roberto. Contrapontos à brasilidade: *Raízes do Brasil* e o jogo de metáforas In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 379.

de *Raízes do Brasil* é uma operação decisiva na semântica de uma estrutura aparentemente simples, mas de fato muito elaborada. Já o segundo, aponta as metáforas como elementos de forte conotação literária, mas funcionam ao mesmo tempo, como imagens históricas criadas para dar compreensão do passado de interpretar o país.

A colocação metafórica abrange um eixo de dualismo centrado no texto, nos cinco primeiros capítulos são voltados para a formação do Brasil com as origens da colonização e nos últimos dois, os capítulos voltam-se para a atualidade de 1930, exemplificada nos pontos políticos e sociais. Então, criou-se uma associação metafórica estabelecida entre a temática passado e presente brasileiro para representar a estruturação literária organizada em *Raízes do Brasil*.

Dois eixos propriamente metafóricos e que permitem entender o Brasil são os capítulos *O Semeador e o Ladrilhador* e *O Homem Cordial*. O primeiro refere-se à comparação da formação das cidades da América Latina. O semeador é representado pelos portugueses e o ladrilhador pelos espanhóis. O destaque dessa comparação consiste em mostrar como as cidades colonizadas pelos espanhóis têm uma estrutura mais organizada, do que as cidades portuguesas. No segundo eixo, como vimos, a metáfora colocada sobre o homem cordial gerou antagonismos, pois Holanda não representava o sujeito cordial no sentido literal da palavra, mas um sujeito cordial que ultrapassa a intimidade privada e inundava o setor público, ou seja, a cordialidade era mencionada como um sistema de interesse.

Nesse sentido, analisamos aqui como a temática ibérica, a negação e formação de metáforas são interpretadas pelos autores que dialogam com a obra de Sérgio Buarque de Holanda, acreditamos que esses conceitos são importantes para mostrar que os trabalhos se dissimulam por tramas distintas, pois permitem acompanhar a obra com características e temáticas importantes para pensar o Brasil. O trabalho busca avaliar estas ideias como identificação de estilos diferenciados sobre *Raízes do Brasil*, expondo como o livro é aberto ao diálogo de métodos e perspectivas. Para a escrita da História, como já colocado, estes conceitos são importantes porque proporcionam caminhos diversificados para temas históricos, mostrando como podemos escrever e interpretar por inúmeras visões ou abordagens e não por métodos fixos.

¹¹² DECCA, Edgar Salvadori de. Decifra-me ou te devoro: *as metáforas de em Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008, p. 209-226.

Assim, por meio da ampla repercussão de *Raízes do Brasil* no meio historiográfico, surgiram indagações diversificadas sobre formas críticas de se enxergar o ensaio. Mostrando como o livro foi transformado ao longo dos anos em um estudo histórico aberto, gerando estilos diferenciados e alargando as temáticas que estudam Sérgio Buarque.

A memória de um intelectual

Ensaaios que compõem a memória escrita de autores ficaram mais frequentes a partir do ano de 1970 e cada vez mais, vem se expandindo com reflexões historiográficas. E a partir da memória conduzimos interpretações sobre o autor Sérgio Buarque de Holanda, a partir das interpretações dos trabalhos de Rafael Pereira da Silva,¹¹³ Eduardo Henrique de Lima Guimarães,¹¹⁴ e André Furtado¹¹⁵ que apresentaram perspectivas sobre a trajetória de Holanda pelo viés da memória intelectual. A escolha desses autores para desenvolver este tópico se deu porque trabalharam diretamente com a trajetória que o intelectual percorreu durante a sua vida.¹¹⁶

Os autores citados executaram uma investigação sobre Holanda por um fio condutor distinto. Rafael Silva, introduz o aspecto de sua rede de sociabilidade, Eduardo G. destaca os lugares institucionais e André F. analisa a sua trajetória pela receptividade de suas obras. Como forma de expor essa memória do intelectual, foram necessárias várias exemplificações do próprio intelectual, de familiares, em especial Maria Amélia, sua esposa e amigos e colegas de trabalho que eram próximos a ele para indagar esse repositório memorável. Por meio desses lugares, os autores traçaram a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda, tanto na vida intelectual com produções de artigos e livros, como a sua vida privada.

¹¹³ SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem** (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982). Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015.

¹¹⁴ GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

¹¹⁵ FURTADO, André. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado** / André Furtado. – Niterói, 2018.

¹¹⁶ João Kennedy Eugênio também desenvolveu um importante trabalho sobre o autor. Contudo, não inseri a pesquisa nessa perspectiva em razão de não tratar especificamente à trajetória intelectual do autor. EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em *Raízes do Brasil* & *Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010.

É importante destacar como o próprio autor teve uma imensa contribuição para a formação e preservação de sua memória, pois ele mantinha inúmeros trabalhos e cartas, e ainda, anos antes de sua morte concedeu várias entrevistas. A sua produção de *Tentativas de Mitologia* (1979), foi um método de representar sua própria memória, consistindo em releituras de alguns de seus textos, expressando uma representação simbólica, de um ensaio de auto compreensão. Por ser seu último livro, consiste em símbolo de preservação de seu legado, “para narrar a si mesmo, o que contribuiu para assinalar a singularidade de seu percurso intelectual, menos dependente unicamente da instituição universitária.”¹¹⁷

O historiador Rafael Pereira da Silva exemplifica como o livro compõe-se de uma preservação de memória, assim, demonstra que essa memória foi iniciada em vida pelo próprio Sérgio Buarque de Holanda ao se constituir como objeto de sua própria trama, ao guardar papéis específicos, conceder entrevistas no fim da vida e promover passagens autobiográficas de textos, como suas *Tentativas de Mitologia*.¹¹⁸

Sobre a leitura de Rafael Pereira da Silva mostra-se um trabalho minucioso sobre Holanda, repercutindo sua vida de sociabilidade, com dimensão simbólica, material e funcional. Desde a década de 1920 quando o autor estava ligado diretamente ao movimento modernista, como suas estadias por algumas cidades como o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, e certamente São Paulo com toda a sua relação envolvente com Sérgio Buarque. Lembrando-se de sua viagem à Europa. Sua atuação em jornais, revistas, museus, bibliotecas, universidades e instituições como o Instituto de Estudos Brasileiros - IEB e o Instituto Nacional do Livro – INL. A participação na formação do Partido dos Trabalhadores - PT, mas o autor faz apenas algumas alusões à formação do partido, sem aprofundamentos políticos sobre a trajetória do intelectual. E consequentemente, relata-se sobre a formação do Fundo Sérgio Buarque de Holanda, após sua morte.

Por esses caminhos Silva procurou mostrar como a rede de amigos de Holanda foi importante para que ele desenvolvesse os seus projetos na área educacional.

¹¹⁷ CARVALHO, Raphael Guilherme de. **Tentativas de Mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, n° 62, setembro-dezembro 2017. p. 705.

¹¹⁸ SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)**. Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015. p. 199.

Não foi, o modernista, um estudante assíduo. Preferiu, ao invés de se dedicar à carreira jurídica, fazer amizades que durariam a eternidade e que foram muito importantes para a sua consolidação no campo intelectual. O universo urbano carioca também fez parte de sua formação humanista e autodidata. Ao lado de Prudente de Moraes, neto, por exemplo, Sérgio Buarque costumava frequentar a livraria Garnier e as mesas do Café Lamas Restaurante, no Largo do Machado. Na livraria era comum que se encontrassem com Alberto de Oliveira, Américo Facó, Jorge Jobim, pai de Tom, mais tarde também seu amigo, ou o poeta Raul de Leoni.⁶³ No Lamas, apontavam também Afonso Arinos, Gilberto Amado, André Dreyfus e Renato Palmeira, que em certa ocasião lhe apresentou Cândido Portinari, naquela altura estudante de Belas Artes.¹¹⁹

Seus ciclos de amizades condicionariam aberturas e ajudaram na formação de seu percurso intelectual, seja em qual fosse, o espaço transitado por Holanda, rapidamente ele procurava se inserir em campos produtivos para ampliação do seu trabalho. Assim, Sérgio Buarque de Holanda, que já havia passado de entusiasta a militante de causa, resolveu se responsabilizar pela distribuição do periódico "Klaxon" no Rio de Janeiro. Era a chave que faltava para que o jovem se firmasse definitivamente nesse "pequeno mundo" intelectual. Seu principal interlocutor nessa jornada foi Mário de Andrade, como explica Rafael P. Silva.¹²⁰ E como destaque marcante da vivência em sua cidade natal, São Paulo, Holanda assumiu um cargo importantíssimo no Museu Paulista, também sob recomendações de amigos, Taunay, que no passado havia aberto as portas da crítica literária ao jovem Sérgio, agora lhe deixava às voltas nos inúmeros corredores do palacete do Ipiranga.¹²¹

Sua sociabilidade foi muito influente, para suas nomeações e indicações em instituições públicas, mas sua carreira com nomeações foram conseqüências dos caminhos trilhados pelo intérprete paulista, como resultados de produções bem elaboradas e trabalhos executados. Sua intelectualidade era uma característica que chama atenção dos seus companheiros, mas, nem só de talento viviam os homens e mulheres de sua geração. Por esse motivo, tanto as redes de sociabilidade que estabeleceu, quanto os lugares por onde passou foram essenciais para a inserção, manutenção e longevidade que teve no campo intelectual ao longo de toda a vida.¹²²

São diversos os exemplos de afabilidade tecidos ao longo do trabalho sobre Sérgio Buarque, mas o objetivo não é mostrar toda a vida do cânone, e sim analisar o

¹¹⁹ Idem, op. Cit., p. 31.

¹²⁰ Idem, op. Cit., p. 32-33.

¹²¹ Idem, op. Cit., p. 89-90.

¹²² Idem, op. Cit., p. 25.

estilo como Silva buscou interpretar a trajetória de Holanda pela perspectiva da memória. Do qual, não consiste em uma dissertação bibliográfica, mas, uma maneira de lembrar a fortuna intelectual que o autor foi adquirindo ao longo dos seus percursos. Como o seu refinamento historiográfico foi consolidado e bem desenvolvido nos cargos que atuou.

Desse modo, a obra de Eduardo Henrique de Lima Guimarães, também consiste em um estudo voltado para os lugares sociais e institucionais de seu autor e faz uma análise sobre a contribuição das 5ª primeiras edições de *Raízes do Brasil*, para a historiografia de Holanda, mas ao contrário de Rafael Silva que faz uma abordagem mais ampla, desde os anos de 1920. Eduardo Guimarães busca uma análise mais específica e voltada para São Paulo, como diretor da Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional (1944-1946), historiógrafo oficial do Estado de São Paulo e diretor do Museu do Ipiranga (1946-1957), cátedra de Civilização Brasileira da USP (1957-1969).

O consenso atribuído por Guimarães, sobre *Raízes do Brasil* e as suas edições é mostrar como o autor não paralisou a obra com conceitos definitivos, que no decorrer dos anos o referencial da obra se articula ao mesmo tempo, com o desenvolvimento institucional e intelectual do historiador. O autor chama atenção para:

A prática intelectual não dogmática, que não confunde necessidade de sistematicidade com a exigência da reprodução canônica, que sacraliza conceitos, métodos, mestres e postulados, muitas vezes, com a desculpa, entre ingênua e perversa, dos prazos tecnocráticos modernos, resultantes do processo modernizador, que, curiosamente, o trabalho do próprio Sérgio Buarque serviu e serve de referencial canônico, como tão bem atesta o brilho ofuscante de *Raízes do Brasil*.¹²³

Thiago Lima Nicodemo ressalta que, a partir da bibliografia clássica sobre Sérgio Buarque de Holanda é possível compreender que a proximidade com a universidade produziu efeito na sua escrita. No modo em que se torna um historiador profissional, impulsionado por experiências como a de docente na Universidade do Distrito Federal e pelo contato intenso com professores como Henri Hauser e Henri Tronchon, Holanda substitui o recurso ao ensaio por textos mais especializados, com recortes consideravelmente mais circunscritos. Assim, na segunda edição de *Raízes do*

¹²³ GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012. p. 209.

Brasil (1948) é percebível, por exemplo, os métodos se tornam mais fluidos e procurou escapar de generalizações.¹²⁴

Assim, a atuação de Sérgio Buarque nas instituições de São Paulo, renderam-lhe um progressivo e consistente aporte historiográfico, na sua ingressão ao Museu Paulista, propiciou materiais fundamentais para sua integração profissional. Depois da sua nomeação no Museu Paulista, foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Escritores (secção de SP). Lecionou como professor de história social e econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política de São Paulo; e ingressou diretamente na USP, através do assento no Conselho Universitário. A carreira internacional também teve grande alcance com a inclusão em comitês da UNESCO e assume a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma (1952-1954). Em 1957 assumiu a cátedra da Civilização Brasileira da USP. Segundo Guimarães: em um curto espaço de tempo, Holanda produziu duas obras historiográficas que representam duas dimensões de seu labor de historiador até então: de um lado, *Caminhos e Fronteiras* (1957), mais centrada nos estudos do espaço, cultura e economia; do outro, sua tese à cátedra, *Visão do Paraíso* (1958), mais voltada ao imaginário, à literatura e às mentalidades. De fato, essas obras condensam esses anos de mergulho na História. Assim, percebemos como os lugares de trabalho e sociabilidade influenciaram as produções intelectuais do autor paulista.¹²⁵

A trajetória e as comunidades de leitores de Holanda, compreendendo, sincrônica e diacronicamente, os processos da cultura escrita nos quais o intelectual polígrafo se inseriu foi analisada por André Furtado. Seus relacionamentos pessoais, institucionais e editoriais constituídos por meio dessa *economia de práticas letradas*, delimitando sua pesquisa a partir da década de 1930 até os seus últimos textos dos anos 1970. O primeiro ponto dessa trajetória é sobre a publicação de *Raízes do Brasil* em 1936, com o lançamento do livro, que André Furtado mostra como Sérgio Buarque de Holanda estreou a coleção de *Documentos Brasileiros* da Editora José Olympio. A repercussão que o livro alcançou foi em escala nacional por meio de resenhas ensaísticas sobre a obra, sejam elas de caráter crítico ou propagandístico. Dentro dessa

¹²⁴ NICODEMO, Thiago Lima. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Ouro Preto**. n.14, abr., 2014. p. 46.

¹²⁵ GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012. p. 138.

repercussão podemos destacar como Holanda ganhou grande prestígio junto à comunidade de intérpretes da sociedade brasileira.¹²⁶

À primeira vista o livro proporcionou debates controversos, ou até mesmo, foram alinhados a partidos de direita ou de esquerda, devido a múltiplos sentidos, que foram esclarecidos no decorrer das edições que se seguiram. Em sua famosa palestra proferida na Escola Superior de Guerra ele esclarece o significado de alguns desses pontos, como exemplo, o sentido do termo do homem cordial, que era afeiçoada a noção do brasileiro carismático e receptivo.¹²⁷ A partir de suas ideias, ocorreram apropriações as soluções que atendessem as peculiaridades do governo nacional. “Contudo, tal encaminhamento deveria ficar apartado da democracia liberal, cujo vigor estava em xeque, e se distanciar do Fascismo italiano, do Nazismo alemão, do Comunismo soviético etc.”.¹²⁸ Pois estas medidas eram ideias estrangeiras e não atendiam aos anseios nacionais. Por outro lado, buscavam um apontamento mais social para “contrapor o paradigma da inferioridade racial, atribuída aos frutos da miscigenação. Em seu lugar, apontava-se o território como berço de uma poderosa civilização, capaz de vencer os desafios contemporâneos”.¹²⁹

Sobre as críticas dos autores¹³⁰ em relação a *Raízes do Brasil* podemos destacar principalmente a falta de posicionamento político, contradições, “sem paixão, as Raízes do Brasil”, ausência de preconceito de cor ou “raça”, e o viés negativo de interpretar o Brasil. Esses posicionamentos mostram como o conteúdo da obra não agradou a muitos. Nesse momento de sua carreira é importante frisar como o autor não tinha um espaço consolidado dentro do círculo de escritores modernista, nessa ocasião destacamos Gilberto Freyre, que já tinha seu espaço consolidado como sociólogo no meio da prática letrada do século XX. Enquanto, Sérgio Buarque transitava entre ofício de jornalista e crítico literário.¹³¹

Nessa primeira obra de estreia ainda não é possível consolidar Holanda definitivamente como historiador de ofício, para consolidar essa posição ele passou por vários postos de trabalho. No lançamento de *Cobra de vidro*¹³² publicado em 1944 e

¹²⁶ FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado** / André Furtado. – Niterói, 2018. p. 73.

¹²⁷ Idem, op. Cit., p. 73.

¹²⁸ Idem, op. Cit., p. 73.

¹²⁹ Idem, op. Cit., p. 73.

¹³⁰ Podemos lembrar autores como: Múcio Carneiro Leão, Rubens do Amaral, Othon Henry Leonardos, Álvaro Augusto Lopes, Hélio Vianna, Waldemar Vasconcellos, Alberto Bittencout, Sergio Milliet da Costa e Silva, José Mendes Ribeiro, Octaviano Domingos.

¹³¹ Idem, op. Cit., p. 431.

*Monções*¹³³ em 1945 estava envolvido com atividades de tradutor e prefaciador, por exemplo, *Suspiros poéticos e saudades*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882); e a tradução de *Memórias de um colono no Brasil*, de Thomas Davatz (1815-1888). Onde trabalhava no Instituto Nacional do Livro (INL) e posteriormente na Biblioteca Nacional (BN). As resenhas críticas sobre esses livros foram bem tímidas em relação a *Raízes do Brasil*, destacadas por André Furtado. Sobre *Cobra de vidro*, somente a de Nelson Werneck Sodré é relatada, ela mostra um trabalho coeso de um *jornalista* e intérprete seguro.¹³⁴

A fortuna crítica que surgiu sobre *Caminhos e fronteira* publicado em 1957 foi muito significativa. Foram um quadro receptivo com 38 textos, sendo 12 anônimos e 26 com alguma forma de identificação autoral.¹³⁵ A partir desses textos é possível identificar como o autor passa a ser reconhecido como *historiador*, um erudito por dar mostras de como sua apropriação de leituras e manuscritos era convertido em exaustivas investigações e inaugurava uma nova categoria aos trabalhos sobre a história do passado brasileiro.¹³⁶

O reconhecimento como sociólogo foi evidente, por que sua obra juntava as duas áreas, História e Sociologia. Suas apropriações foram moldadas por suas experiências nos cargos que exerceu em seu percurso, como foram demonstradas por Eduardo Henrique Guimarães. As resenhas deram importância do livro, não apenas por enriquecer a bibliografia do autor, mas pelo livro significar uma referência nacional para os estudos históricos-sociológicos, por tratar importância dos hábitos, costumes, técnicas de plantio, remédios dos povos nativos utilizados por colonizadores em seus desbravamentos.

¹³² *Cobra de vidro* surgiu da junção de artigos da imprensa e foi publicado, justamente, pela Livraria Martins Editora, na coleção Mosaico, como volume 5, reunindo trabalhos escritos e publicados em momento distintos, sobretudo entre 1940 e 1941 no jornal carioca Diário de Notícias. Ver em: FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018. p. 129.

¹³³ *Monções* publicado pela Casa do Estudante do Brasil. Esta pesquisa trata do encontro das culturas indígenas e adventícias, a partir do planalto paulista, sobretudo no setecentos, lançando mão de vias fluviais e no qual chama a atenção a temática do ouro como um tipo de notícia que causava enorme alvoroço nos habitantes que chegavam a largar tudo o que tinham para se direcionarem aos sertões cuiabanos e mato-grossenses adentro. Ver em: FURTADO, André. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018. p. 134.

¹³⁴ FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018. 129.

¹³⁵ Esses textos sem autoria foram analisados através do Fundo SBH *Siarq-UNICAMP*. Entre alguns textos com autoria destacam: Álvaro Augusto Lopes, João Camilo de Oliveira Torres, O. C. F., Luís Martins, T. T., Francisco Isolino Siqueira e M. I. P. Q.,

¹³⁶ FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018. p. 161.

Quanto a obra *Visões do Paraíso*, Tese do autor, que proporcionou a cátedra de Civilização Brasileira da USP, recebeu 34 resenhas¹³⁷ salvasguardadas no acervo pessoal de Sérgio Buarque na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 31 se referem à primeira edição, de 1959, e apenas 3 à terceira, de 1977. Alguns artigos orientam como o livro apresenta uma instigação para o leitor e não confundir a obra com uma ficção, pois na colonização brasileira em meados da renascença, fábulas, lendas e a realidade se misturavam.

Se o texto *Caminhos e fronteira* tinha marcado a historiografia nacional, *Visões do Paraíso* agitou veemente a literatura brasileira em 59. E S. B. de Holanda passa a se reconhecer como historiador, assim como já era reconhecido unanimemente por seus leitores e críticos literários e como integrante de uma *moderna* historiografia, no qual este reconhecimento surgiu por meio do seu amadurecimento dentro do mundo letrado. Embora *Raízes do Brasil* (1936) seja a obra mais falada e referenciada, somente com *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visões do Paraíso* (1959) seu percentual editorial se avolumou e então sua carreira foi consolidada. Nesse sentido foi essencial André Furtado investigar sincrônica e diacronicamente os quadros receptivos sobre as obras de Holanda, pois os resenhistas insistiam em traçar linhas comparativas entre o intelectual de 1936 e o de sua atualidade.

Dessa forma, sobre os lugares de sociabilidade intelectual de Holanda, e o aspecto da memória, e os quadros de receptividade de críticos, os autores estudados destrincharam os caminhos que Holanda trilhou, mostrando as contribuições que essas áreas proporcionaram para a composição e consolidação de sua historiográfica; O que contribuiu para intensificar sua percepção crítica adquirida ao longo dos anos, também podemos referenciar sua refinada atuação no exterior, onde foi reconhecido com intelectual latino-americano. As funções que exerceu foram importantíssimas para a composição de suas obras, e faz uma autocrítica a si mesmo, gerando novas edições de *Raízes do Brasil* e em novos trabalhos como *Caminhos e Fronteiras*, destacando a importância de São Paulo na composição brasileira. Sem deixar de destacar a obra *Visões do Paraíso* que consiste em uma tese ampla sobre o imaginário criado sobre o Novo Mundo.

¹³⁷ Entre os primeiros resenhistas estavam Valdemar Cavalcanti, Sergio Milliet da Costa e Silva, João Camilo de Oliveira Torres, Temístocles Linhares, a incógnita “M. I. P. Q”, Menotti del Picchia e Hélio Vianna; e os novos eram Mário Júlio Silva, José Geraldo Nogueira Moutinho, Jarbas Duarte, Mário Lucca Erbolato, José Almiro Rolmes Barbosa, Leonardo Arroyo, Judas Isgorogota, Carlos Rafael Guimaraens, William Jerome Wilson, Afrânio dos Santos Coutinho, Augusto Meyer e Wilson Martins.

A última obra inspirou livros como: *O diabo e a terra de Santa Cruz* (1986) de Laura de Mello e Souza, texto fundamental na história das mentalidades no Brasil e no imaginário edênico dos descobrimentos, pioneiramente apontado por Sérgio Buarque de Holanda. Em seu livro Laura de Mello e Souza trata da feitiçaria, das práticas mágicas e da religiosidade popular no Brasil colonial dos séculos XVI, XVII, XVIII. Retrata a imagem cristã sobre o Novo Mundo, do qual embelezava a natureza e demonizava os habitantes com suas tradições. O livro serve para compreendermos a composição da religiosidade brasileira como características multifacetadas.¹³⁸

A memória de um intelectual reflete na trajetória que o autor desenvolveu em vida, guardando uma riqueza historiográfica para que o seu legado possa ser preservado e perpetuado, através de historiadores que buscam estudar o autor, suas obras e seu contexto, para produzir uma história original mostrando a importância que o intelectual exerceu para a historiografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero com o presente trabalho ter apresentado a importância do autor Sérgio Buarque de Holanda e sua obra mais célebre *Raízes do Brasil* (1936) para a compreensão do pensamento social brasileiro, mostrando como sua escrita analítica, crítica e explicativa marcou profundamente a historiografia na década de 1930, com uma interpretação marcante sobre a identidade nacional. A pesquisa mostrou como o

¹³⁸ Souza, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

trabalho de Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com seus contemporâneos, inauguraram uma nova forma de olhar para o passado do Brasil no contexto republicano, num diálogo constante entre passado e presente, no abandono das referências oitocentistas e no desafio de pensar a nação daquele presente, com métodos inovadores trouxeram contribuições para se pensar a identidade nacional de forma mais diversificada, abrangendo setores culturais, políticos e econômicos, abrindo caminho para interpretações nacionais mais críticas, em relação a aspectos sociais da colonização portuguesa, como a relação corrompida entre as instituições públicas por meio de interesses privados, miscigenação cultural e a dependência da metrópole sobre a colônia.

Com a pesquisa, procurei demonstrar um pouco das interpretações e características que repercutem no campo teórico sobre as principais ideias diante dos estudos sobre o intelectual e a obra referida, sendo impossível abranger todas as interpretações por completo desse objeto de estudo, que expressivamente surgem novas significações sobre o autor e sua obra. Como foi demonstrado, há um conjunto importante de trabalhos que se desafiaram a entender a obra de Holanda. Essas pesquisas foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho monográfico, pois permitiu entender a obra por perspectivas distintas diante de interpretações sobre a sociedade brasileira, seja, perspectivas sociais, negativistas ou metafóricas.

Buscamos explicar através dos estudos de Sérgio B. de Holanda e *Raízes do Brasil* como aspectos da formação brasileira perduram gradativamente na sociedade brasileira, através do paralelo entre o período colonial, o contexto republicano da década de 1930 e conseqüentemente com o diálogo com a contemporaneidade, no qual essa ponte temporal é conduzida principalmente pelo conceito do “Homem cordial”.

Concluimos nosso trabalho com o intuito de elucidar os leitores sobre a necessidade do conhecimento da formação da identidade brasileira, que por meio do historiador Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil* identificamos aspectos históricos que foram impostos ou construídos na sociedade brasileira, que consistentemente repercutem na atualidade, no qual esses aspectos atuam como práticas prejudiciais ao processo democrático em vigor.

Obras analisadas (trabalhos publicados em programas de pós-graduação e textos sobre Sérgio Buarque de Holanda):

CARVALHO, Raphael Guilherme de. **Tentativas de Mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, nº 62, setembro-dezembro 2017.

DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Introdução”. In: **Holanda, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil***. Santiago, Silveiro (org.). 2ª ed. Coleção Intérpretes do Brasil, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

EUGÊNIO, Joao Kennedy. **Ritmo Espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil de Sergio Buarque de Holanda**. Terezina: EDUFPI, 2011.

FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado** / André Furtado. – Niterói, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

MEIRA, Pedro MONTEIRO. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo, Hucitec e galáxia, 2016.

NICODEMO, Thiago Lima. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Ouro Preto**. n.14, abr., 2014.

SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)**. Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. Raízes do Brasil – Sobrados e mucambos: Um diálogo. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

BISCARDI, Karoline. **Análise Comparativa do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala***.

Disponível em:
<http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC2/KAROLINEBISCARDI1.pdf>.
 Acesso em: 24/11/20.

BRESCIANE, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil . 2ª ed. São Paulo: Unesp. 2007.

CANDIDO, Antonio. A visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. Tentativas de Mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, vol. 30, nº 62, setembro-dezembro 2017.

CAVALCANTE, Berenice. **História e modernismo**: herança cultural e civilização nos trópicos. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

DECCA, Edgar Salvadori de. Decifra-me ou te devoro: as metáforas de em Raízes do Brasil. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Locus: **revista de história**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Introdução”. In: **Holanda, Sérgio B. de. Raízes do Brasil**. Santiago, Silveiro (org.). 2ª ed. Coleção Intérpretes do Brasil, vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

EUGÊNIO, João Kennedy. **Um ritmo espontâneo**: o organicismo em *Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2010.

EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

FURTADO, André Carlos. **Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado**. PPGH/UFF, Niterói, 2018.

FURTADO, André Carlos. Raízes do Brasil e Sérgio Buarque de Holanda: Relação simbiótica entre a obra e o intelectual, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, p. 1-17, julho 2011.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. – 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP**, (65), 2005.

GUIMARÃES, Eduardo Henrique de Lima. **O atual e o inatual em Sérgio Buarque de Holanda**. Tese (doutorado). CFCH. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Org F. A. Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KERBER, Alessander. Relações entre o regional e o nacional na música popular do Brasil e da Argentina nos anos 1920 e 1930: uma análise da obra de Carlos Gardel e de Carmen Miranda. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; MEDEIROS, Hermano Carvalho (orgs.). **História e música popular**. Teresina: EDUFPI, 2013.

MATTOS, Hebe. “Colonização e escravidão no Brasil: Memória e Historiografia”. In: **O Brasil Colonial** (1443-1580). Org. FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MONTEIRO, Pedro Meira. Da cordialidade à *brega*: o veneno-remédio das culturas periféricas em Sérgio Buarque de Holanda, José Miguel Wisnik e Arcadio Díaz-Quiñones. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 19 n. 2, p. 302-319, dez. 2017.

MONTEIRO, Pedro Meira. **Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo, Hucitec e galáxia, 2016.

MOSCATELI, Renato. Um redescobrimto historiográfico do Brasil. In: **Revista de História Regional**. (5)1, Verão, 2000.

NICODEMO, Thiago Lima. Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Ouro Preto**. n.14, abr., 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**: Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia Das Letras, 2011.

NUNES, Marlúcia Ferreira. Sergio Buarque de Holanda: Um apanhado Historiográfico Sergio Buarque de Holanda: A Historiographical overview. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia** Ano 1, N.2, p. 151-158, Julho 2001.

PROST, Antonie. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMATIS Jacinto. Que morra o “Homem Cordial” – crítica ao livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Sankofa: **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Ano X, n. XIX, agosto, 2017.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2**: de Calon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda. Rio de Janeiro: UGV, 2006. p. 10.

ROCHA, João Cezar de Castro. O exílio como eixo: bem-sucedido e desterrados ou Por uma edição crítica de *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Patrimonialismo. In: **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, São Paulo, nº82. 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Introdução. In: **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SILVA, Eduardo Augusto Santos. A contribuição de Sérgio Buarque de Holanda para a Historiografia Brasileira a partir do livro *Raízes Do Brasil*. **Boletim Historiar**, n. 12, nov. /dez. 2015.

SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)**. Tese (Doutorado) – Unicamp, IFCH, 2015.

SILVA, Rafael Pereira da. Um espaço de recordação: o Fundo Sérgio Buarque de Holanda na Unicamp. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 12, n. 2, julho-dezembro, 2016.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Laura Mello e. **O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **As Raízes e o futuro do “Homem Cordial” segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792007000200011&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 01 de Mai. de 2021.

THIESSE, Anne-Marie. “Ficções criadoras: as identidades nacionais”. **Anos 90**, Porto Alegre. UFRGS, n. 15, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. História indígena: 500 anos de despovoamento. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informação, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira**. 8 Tempo. Ago, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. O Imbróglio de *Raízes*: notas sobre a fortuna crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.36, n. 73, 2016.

VECCHI, Roberto. Contrapontos à brasilidade: Raízes do Brasil e o jogo de metáforas In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. Em busca da brasilidade modernista. In: **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: **Brasil Republicano 2**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2013.

WEHLING, Arno. Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas: Ed: UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Ama Flávia da Silva,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
“Raízes do Brasil”: da escrita da História na década de
1930 à atualidade teórica de pensamento social brasileiro.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de Outubro de 2021.

Ama Flávia da Silva
 Assinatura

Ama Flávia da Silva
 Assinatura